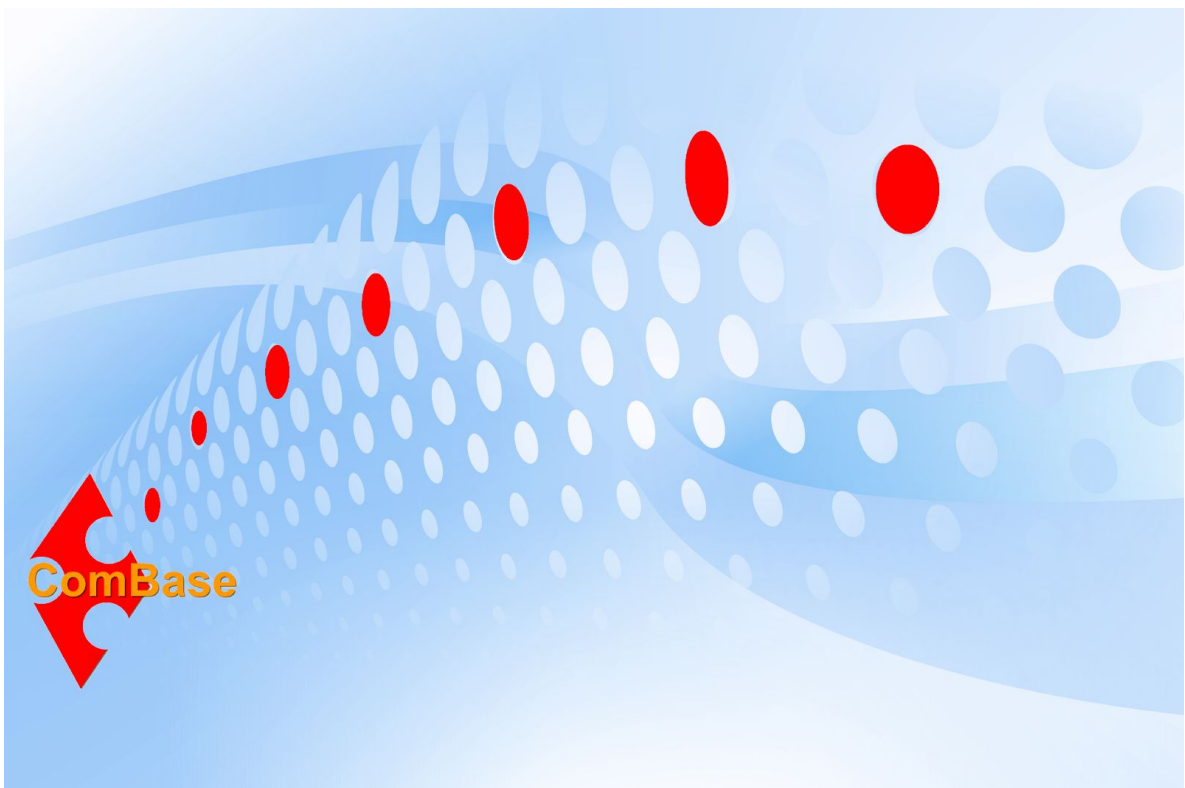




## *Prometeu*

*Projeto de Meios Tecnológicos  
em Educação Universitária.*





**Ano I - Nº 0 - dezembro/janeiro/fevereiro de 2008/2009**

# *Prometeu*

*Projeto de Meios Tecnológicos em Educação Universitária.*



## **REVISTA PROMETEU**

Publicação TRIMESTRAL exclusivamente on-line da ComBase –  
Base de Estudos e Pesquisas em Meios de Comunicação e Educação (DEPEd - PPGEd - UFRN).

### **Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**

José Ivonildo do Rêgo

### **Programa de Pós-Graduação em Educação**

Profª Drª Marlúcia Menezes de Paiva (coordenadora)

Profª Drª Alda Maria Duarte Araújo Castro (vice-coordenadora)

### **Editor**

Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade

### **Comissão Científica**

Profª Drª Josimey Costa (UFRN);

Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade (UFRN)

Prof. Dr. Ridha Ennafaa - Universidade Paris VIII (França);

Prof. Dr. Marcos Antônio de Carvalho Lopes (UFRN);

Profª Drª Marly Amarilha (UFRN).

### **Comissão Editorial**

Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade;

Prof. Dr. João Tadeu Weck;



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Angela Almeida;  
Adriano Medeiros Costa (Doutorando);  
Eugênio Paccelli Aguiar Freire (Mestrando).

Os conceitos e opiniões emitidos são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

**Site: [www.prometeu.educ.ufrn.br](http://www.prometeu.educ.ufrn.br)  
E-mail: [revistaprometeu@gmail.com](mailto:revistaprometeu@gmail.com)**



## Sumário

## Sumário

Editorial	5
A espacialidade como pressuposto ao ato educacional	7
Precarização do trabalho, tecnologias e formação de professores	18
Princípios didáticos em João Amós Comênio e a relação com os estudos sobre meios tecnológicos na educação brasileira	29
BORGES, a suspensão do mito	41
Fugindo da banalidade: o uso do Orkut como extensão da sala de aula.	50
Cliques modernos: reflexos do mundo virtual	68



## Editorial

### Editorial

Prometeu é uma revista eletrônica, voltada para o estudo da tecnologia da comunicação e da informação e suas relações com a educação. Prometeu é uma sigla mas é também uma referência ao mito fundador da tecnologia e da educação. Com esta referência, estamos assumindo uma postura política pela democratização do conhecimento e pela submissão desse conhecimento à democracia, a paz, a justiça, a solidariedade e a confiança no futuro. Como revista científica, Prometeu está aberta à publicação de textos científicos, ensaios, resenhas... desde que atendam às exigências editoriais de pertinência, cientificidade, qualidade literária, posicionamento político. Prometeu nasce com a vocação de ser um veículo de grupos e pessoas interessadas no uso educativo da tecnologia da comunicação e informação dispersos pelo vasto mundo e de ligação com outros veículos com os mesmos objetivos.

Prometeu será uma revista eletrônica da Base "Estudos e Pesquisas em Meios de Comunicação e Educação" (Núcleo Educação, Linguagem e Formação do Leitor) do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRN.



Ela será voltada para o estudo da tecnologia da comunicação e da informação e suas relações com a educação.

O nome da revista é uma sigla para Projeto de Meios Tecnológicos em Educação Universitária, mas também é uma referência ao mito fundador da tecnologia e da educação.

Prometeu representa a vontade humana por conhecimento, sua captura do fogo é a audácia humana pela busca de conhecimento e de compartilhá-lo.

Nas representações antigas, Prometeu aparece como artesão que faz o homem materialmente.

Este mito pode ser relacionado com um tempo de despertar, servindo como metáfora para refletirmos sobre as transformações, individuais e coletivas, levadas a efeito pelo homem enquanto sujeito histórico.

Partindo desta reflexão, criamos nossa Prometeu, espaço que visa dar continuidade ao diálogo, problematizações e reflexões sobre o uso dos meios de comunicação na Educação.

Com esta referência, estamos assumindo uma postura política pela democratização do conhecimento e pela submissão desse conhecimento à democracia, a paz, a justiça, a solidariedade e a confiança no futuro.

Prometeu nasce com a vocação de ser um veículo de grupos e pessoas interessadas no uso educativo da tecnologia da comunicação e informação dispersas pelo vasto mundo e de ligação com outros veículos com os mesmos objetivos.



**Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade**  
Coordenador da Base de Estudos e Pesquisas  
em Meios de Comunicação e Educação  
(DEPEd - PPGEd - UFRN).





Artigos

## **A espacialidade como pressuposto ao ato educacional**

Orgival Bezerra da Nóbrega Júnior  
*Departamento de Geografia (UFRN)*

### **Resumo**

Os processos de socialização entre os atores envolvidos no ato educacional, potencializados pela evolução tecnológica, põem em jogo a concepção espaço-temporal de tais sujeitos. No presente artigo, apontamos conceitualmente o espaço, a paisagem e o lugar como pressupostos à caracterização do espaço educacional. O método de trabalho consiste na percepção sistematizada do ambiente de ensino-aprendizagem, considera a perspectiva Humanística ao focar aspectos como a migração e a identidade inerentes aos alunos que ocupam um novo espaço. A reflexão sobre esse espaço de ação humana nos leva a considerar a prática e a teoria educacionais sob a ótica da intencionalidade. Por último, evidenciamos que a partir de qualquer espaço propiciado pela tecnologia, apontamos a importância do resgate do espaço educacional por parte do professor, pois a compreensão de mundo do educando, passa necessariamente, pela construção de



conhecimentos significativos que têm como ponto de partida sua própria experiência. Quanto à operacionalização do referido meio, salientamos que as mudanças necessárias estão associadas aos instrumentos correspondentes ao mesmo.

**Palavras-chave:** Espaço. Educação. Tecnologia.



A qualificação profissional se constitui, cada vez mais, em exigência para o bom desempenho de qualquer função no mercado de trabalho. Em se tratando do profissional da educação, faz-se necessário a construção cotidiana do conhecimento aliada a experiência, tal fato, é facilmente constatado ao enfocarmos o paradigma educacional emergente.

A intervenção entre a prática educativa e o conhecimento teórico deve ser consistente, baseada no pensamento crítico e em atitudes de questionamento e curiosidade, na busca de um novo fazer profissional, com capacidade de definir objetivos pessoais, organizar e gerir tempos e espaços, auto-avaliar e avaliar processos, controlar ritmos, conteúdos e tarefas na relação com objetivos, procurar meios e estratégias relevantes, enfim ter capacidade de reflexão.

A reflexão implica a imersão consciente do homem no mundo de sua experiência, um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondência afetiva, interesses sociais e cenários políticos. O conhecimento acadêmico, teórico científico ou técnico, só pode ser considerado instrumento do processo de reflexão se for integrado significativamente, não em parcelas isoladas da memória semântica, mas em esquemas de pensamento mais genéricos ativados pelo indivíduo quando interpreta a realidade concreta em que vive e quando organiza a sua própria experiência. A reflexão não é um conhecimento puro, mas sim um conhecimento contaminado pelas contingências que poderiam e empregam a própria experiência vital (GÓMEZ,1992, p.103).

Atualmente, a reflexão é um conceito muito utilizado pelos formadores dos profissionais da educação. Essa tendência contribui para formar professores que venham a



refletir sobre sua própria prática, na expectativa de que a reflexão seja um instrumento de desenvolvimento do pensamento e da ação.

Nessa perspectiva a prática do professor precisa ter, sem dúvida, um referencial teórico indispensável para construção social do conhecimento, como também, ser capaz de refletir sobre a sua prática como um instrumento de articulação entre a ação pedagógica e a teoria.

Tal prática, evidentemente, dar-se-á em um determinado espaço, o qual resulta de transformações econômicas, condições psicológicas e físicas dos indivíduos e das sociedades, particularmente da experiência de vida de cada pessoa e da herança cultural e coletiva. Essa perspectiva Humanística defende a compreensão das relações entre os homens e o seu mundo.

Desse modo, a visualização de um espaço de ação humana está calcada na subjetividade, experiência vivida pelo indivíduo, pelos grupos sociais, na intuição, nos sentimentos, no espaço vivido, privilegiando o singular e não o particular e ao invés da explicação, tem a compreensão baseada no mundo real.

Aqui, de acordo com Gomes e Corrêia (2000, p.335) consideramos o “[...] espaço ao mesmo tempo como o resultado concreto de um processo histórico, e nesse sentido ele possui uma dimensão real e física, ou como uma construção simbólica que associa sentido e idéia.”

O espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como



condição de “viver bem.” Como meio operacional, presta-se a uma atividade objetiva e como meio percebido está subordinado a uma atividade subjetiva (SANTOS, 1996, p. 45).

No entanto, o espaço pode ser visto como o terreno das operações individuais e coletivas, ou como realidade percebida. Portanto, o que há são invasões recíprocas entre o operacional e o percebido. Ambos têm a técnica como origem e por essa via, sua avaliação acaba por ser uma síntese entre o objetivo e o subjetivo. Aqui, enfoca-se as técnicas como um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza, produz e ao mesmo tempo cria espaço.

Considerando o espaço apreendido como uma construção simbólica, enfocamos o conceito de Paisagem como a manifestação visual do mundo, vista como um conjunto de formas criadas pelo homem, sendo, portanto, a resultante de uma criação que se torna um elemento da cultura, refletindo a ação de um povo ao longo do tempo.

A paisagem está relacionada a lugar, isto é, a identidade que a sociedade estabelece com a paisagem faz dela o lugar de vida. A relevância do lugar se traduz nos espaços mais carregados de sentimentos com os quais as pessoas têm vínculos afetivos e subjetivos, logo, o sentimento de pertencer a um espaço e a sua paisagem faz dele o seu lugar, porque estabelece identidade com ele. Existe, portanto, uma relação muito estreita entre o homem e o lugar.



A noção de espaço se constrói com a própria vivência e de acordo com Gómez (1992, p.103), para que “[...] o conhecimento torne-se um processo de reflexão é necessário integrá-los significativamente em esquemas de pensamentos.”

Nesse enfoque Humanístico, todo espaço que envolve o homem, seja físico ou social, influencia a sua conduta. A realidade é interpretada e os fenômenos são observados como parte de um fenômeno maior, integral, sendo a paisagem percebida pela pessoa não como uma soma de objetos próximos um ao outro, mas de uma forma simultânea. Neste sentido, a paisagem é percebida de uma forma holística.

As pessoas assimilam conhecimentos, atitudes e valores através da observação do que se faz a sua volta. Com isto ela está construindo a sua identidade com o lugar, de modo que possa resultar em compreensões novas e mais complexas a seu respeito. Atualmente, a pós-modernidade aponta para um sujeito que está sendo visto como fragmentado, composto não só de uma única, mas de várias identidades.

A identidade na concepção sociológica clássica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público. O ato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2003, p.11).

Esse pensamento aponta para um conceito de identidade mais unificado. O sujeito tem um núcleo real, interior, que é formado na relação com o outro, isto é, com pessoas importantes para ele, e este núcleo se modifica através do diálogo contínuo com o



“exterior”, entrando em contato com as culturas e as identidades que esses mundos oferecem.

Diante de tais evidências, os sujeitos envolvidos no processo migratório quando se afastam do seu lugar, modificam as relações sociais com o seu grupo e com sua origem. Portanto, são nos lugares onde acontecem as práticas sociais concretas e através delas expomos e fortalecemos a nossa identidade.

O espaço escolar como instituição basilar da nossa sociedade, posto também como um lugar de recepção e de permanência daqueles que chegam a uma comunidade, pode ser observado, quanto a modos de aceitação desse outro que chega. Em tal ambiente, adota-se uma posição e uma orientação seletiva frente à cultura, que se concretiza, precisamente, no conteúdo que se trabalha. As pessoas de diferentes lugares, classes ou grupos sociais têm contato com diferentes culturas e diferentes formas de entrar em contato com elas.

A instituição educacional acolhe diferentes tipos de alunos com diferentes origens e fim social. Para conciliar essa diversidade cultural, o trabalho do professor em um ambiente de ensino–aprendizagem precisa ser orientado no sentido de amenizar os conflitos e potencializar a aprendizagem.

De acordo com Sacristán (2000, p.64) “[...] o procedimento pedagógico voltado a essa questão se dá ao moldarmos o conteúdo abordado para poder satisfazer interesses diversos dos alunos, respondendo as diferenças dentro da aula com a metodologia adequada.”



Não podemos esquecer que tais alunos, quando chegam a determinados lugares, trazem seus hábitos culturais, técnicos e diferentes modos de vida. Diante dessa realidade, os indivíduos ao construírem os seus lugares, constroem também as representações sobre eles. Sua permanência e seu cotidiano vão definindo sua aderência a esses lugares. Por isso, as migrações significam rupturas que muitas vezes deixam trauma e a instituição educacional não pode deixar de considerar essa realidade.

Tal situação pode ser agravada pela dificuldade de relacionamento com os novos lugares. Na visão de Certeau (1994, p.110) “[...] ‘todo lugar próprio’ é alterado por aquilo que, dos outros, já se acha nele.” Partindo desse princípio, podemos afirmar que o lugar é construído e alterado pela convivência das pessoas, suas histórias, a sociedade local, bem como, a ação do indivíduo.

No processo migratório as pessoas rompem com a paisagem e locais de origem e ao chegarem ao novo lugar, elas se sentem forçadas a reassumir novas relações e construir, de certa forma, novas identidades. Ao mudarmos de lugar, sentimos as diferenças das condições materiais nos novos lugares, mas também as mudanças relacionadas aos laços afetivos.

Tais migrantes carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias de vida pelas quais foram marcados, eles são o produto de várias histórias e culturas interconectadas. Os que passam por essa situação são obrigados, muitas vezes, a renunciarem a sonhos, a aprender a habitar outros lugares, a falar duas línguas culturais, como também traduzir e negociar.





Portanto, no que diz respeito ao espaço educacional, é fundamental que o professor considere essa realidade, devendo, portanto, aproximar o saber educacional do universo cultural do aluno, bem como, trabalhar com o cotidiano do mesmo, considerando toda a carga de afetividade, subjetividade que nasce com a vivência dos lugares, como também possibilitar a compreensão a tais alunos de que são integrantes do ambiente em que atuam.

A subjetividade do indivíduo está em sua capacidade de pensar e refletir. Com isso, ele vai construindo a sua identidade com o lugar, de modo que possa resultar em compreensões novas e mais complexas a respeito de si mesmo. Logo, a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação. O outro cultural é sempre um problema, pois coloca em questão a nossa própria identidade. Portanto, a identidade, a diferença e o outro, constituem um problema social que não se desvincula do problema pedagógico.

Tal situação evidencia um problema pedagógico porque os alunos em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço educacional, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica.

O professor em sua dinâmica deve estar atento ao aluno migrante, que chega com todas essas diferenças, buscando se inserir num novo e diferente ambiente. Sendo assim, compreender a ação educacional como um novo espaço em que o aluno habita querendo



criar laços e se sentir parte, é fundamental para tal professor, da mesma forma, ter em vista que o mesmo é também mediador nesse conjunto de mudanças por que o aluno passa.

Dessa forma, cabe ao professor focar a compreensão de seu próprio espaço de atuação como importante condição para a identificação das dificuldades, bem como, do potencial inerente a sua prática. Logo, abordar o espaço educacional com suas respectivas dimensões, caracteriza um ponto essencial para o entendimento da interação construtiva que se dá na relação, professor-aluno.

Devemos estar conscientes de que para analisarmos o espaço próximo, que está sendo vivenciado, precisamos levar em consideração a sua relação com outras instâncias especialmente distantes. Nesse processo a realidade é o ponto de partida e de chegada.

Essas relações são compreendidas a partir da visualização de uma ordem global que busca impor a todos os lugares uma única racionalidade, frente a uma ordem local, onde os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade. No caso, cada lugar, é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente (SANTOS, 1996, p.272).

Ainda quanto ao espaço, há que se considerar um aspecto que se dá entre a ação e o objeto; trata-se da intencionalidade, já que tal noção é eficaz na contemplação do processo de produção das coisas, considerado como o resultado entre o sujeito e seu entorno.

Aqui, enfocamos o fato de que o espaço educacional se diferencia dos demais espaços, já que a aprendizagem se dá em qualquer lugar vivenciado. Em outros termos, o



que diferencia a situação de aprendizagem escolar das demais se explica da seguinte maneira: inicialmente, porque na escola a construção dos saberes é equilibrada, ou seja, tanto o professor quanto o projeto pedagógico têm uma intenção, pois existem objetivos a serem alcançados, portanto uma seleção do que vai ser ensinado e aprendido; depois, porque a escola não pode se limitar a conectar o conhecimento com a experiência imediata e espontânea, devendo ir, além disso, pois ao mesmo tempo ou no devido tempo, cabe à educação libertar o aluno do cotidiano, fazendo-o superar a experiência imediata para poder alcançar conhecimentos mais amplos e perenes; e ainda, porque na escola incidem de forma direta e indireta os valores éticos, políticos e estéticos da comunidade, visando à mudança e a melhoria da sociedade em geral.

Logo, a intencionalidade do sujeito voltada ao espaço operacional ou percebido nos remete a um melhor esclarecimento do que consideramos como técnica, já que o encontro das intenções ou objetivos explícitos em um espaço educacional com as intenções dos alunos, é que faz o sucesso de uma prática educativa, sendo a técnica o conjunto de meios que propicia o espaço em evidência.

Aqui, consideramos a palavra técnica com um sentido amplo, não se restringindo apenas a equipamentos e instrumentos, mas incluindo toda a relação com o meio e seus efeitos. O termo tecnologia, após a Revolução Industrial, passou a melhor incorporar esse sentido amplo do verbo grego “*tichtein*”, o qual a partir de então, tem seu sentido associado a instrumentalidade.



Dessa forma, Ribnik (2003, p.1-3) engloba a abrangência da qual estamos nos referindo para a Tecnologia Educacional nas seguintes “[...] categorias conceituais”:

A primeira enfatiza o uso de equipamentos e materiais; a segunda, dá ênfase na aplicação da teoria de sistema, considerando o conjunto de eventos inter-relacionados que visam a um mesmo objetivo; a terceira categoria conceitual enfatiza a aplicação de conhecimento científico, ressaltando a necessidade dessa tecnologia educacional estar baseada na ciência.

Portanto, constata-se que em termos conceituais não há consenso quanto às várias definições de Tecnologia Educacional, conseqüentemente, há um leque de atividades possíveis voltadas ao espaço educacional, cujas práticas variam de acordo com o local e o tipo de ação.

No momento, em função dessa complexidade tecnológica, evidenciamos ao ato educacional o sentido de uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e na própria autonomia do educando, estamos nos referindo à segurança, a competência profissional, bem como, a generosidade inerente ao professor de acordo com Freire (1999, p.102), já que “[...] educar é uma especificidade humana.”

Nesse espaço educacional, objetiva-se provocar rupturas e continuidades no processo de apropriação do saber espontâneo ao científico, almeja-se compreender o meio em que vivem as diferentes manifestações da natureza, busca-se ir além daquilo que já sabemos, ampliando os conhecimentos a cerca da presença e do papel da natureza na paisagem local. Também é importante conhecer a relação entre as pessoas com o lugar, as



condições de vida, as relações afetivas, as histórias do lugar em que se vive, de outros lugares e a relação entre eles.

Dentro dessa perspectiva, não podemos esquecer que as tarefas formais do ato de ensino-aprendizagem precisam ser adaptadas à realidade do espaço educacional, também devem ser articuladas às opções dos professores e às necessidades dos alunos, bem como, à divisão de tempo e dos materiais disponíveis, enfim a todo um modo de vida no espaço em apreço.

A ação do ensino nas aulas não é um puro fluido, embora existam traços e acontecimentos imprevistos, mas algo regulado por padrões metodológicos implícitos na tarefa que se parecem. De fato essa dinâmica é muito fluida, imprevisível, mas os esquemas de atividades que a ordenam não. Seu dinamismo está, pois, condicionado pela ordem interna da atividade. Se conhecermos de antemão um determinado tipo de tarefa que um professor vai realizar, pode-se prever de algum modo como transcorrerá sua prática, porque o curso de ação que cada tarefa tem segue um plano implícito que regula o seu desenvolvimento e se acomoda no transcurso do mesmo. Por isso, os estilos pedagógicos dos professores, apesar dos seus comportamentos idiossincráticos, são tão parecidos, porque as estruturas de tarefas nas quais se concretizam são semelhantes. Se é certo que não há dois professores iguais, nem duas situações pedagógicas ou duas aulas idênticas, também é verdade que não há nada mais parecido entre si (SACRISTÁN, 2000, p.209).

Portanto, a prática docente pressupõe uma previsão, uma organização e uma avaliação de situações que propiciem condições para que os alunos construam conhecimentos. Essa organização tem um planejamento de ensino, que possibilita pensar



de antemão no que se quer e no que se pode fazer em função do aluno, como também, da sociedade que se quer construir.

Constata-se que o espaço educacional é um misto, um híbrido, um composto de formas, tendo a Tecnologia Educacional integrada em seu meio como uma realidade, contribuindo como elemento da constituição e transformação desse espaço. Certamente, preocupar-se com os problemas tecnológicos, isto é, com os processos técnicos, é de fundamental importância para identificar e compreender, bem como, apropriar-se dos inúmeros espaços propiciados pela profusão tecnológica atual.

Educação a Distância é uma modalidade de Educação em que são utilizados meios de comunicação, de veiculação e de informação, de meios sistêmicos, com o propósito de educar pessoas que, por razões diversas não têm ou não tiveram acesso às formas presenciais de Educação. Há uma forma de educar tradicional, que permanece e, que é considerada a modalidade capaz de atender aos diversos aspectos que o termo educação pressupõe, que deve também, utilizar os modernos meios de comunicação e informação e que se chama Educação Presencial (ANDRADE, 2000, p.82).

Há, portanto, diversas formas espaciais derivadas de um espectro que varia do presencial ao virtual. Aqui o virtual não deve ser entendido como aquilo que necessariamente se opõe ao real. Para evitar essa oposição “fácil e enganosa”, Lévy (1996 p.15), afirma que “[...] o virtual é o que existe em potência e não em ato, o virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto à concretização efetiva ou formal.” Em outras palavras, o virtual seria uma realidade existente em estado conceitual.



Finalmente, considerando a disponibilidade dos vários meios ofertados pela revolução tecnológica, mas tendo plena consciência de que os mesmos permitem, mas não garantem qualidade ao ato educacional; considerando ainda, a complexidade pedagógica do espaço de atuação do professor, bem como, a intencionalidade por parte deste em eleger meios tecnológicos, valores e pressupostos teóricos voltados à construção de um espaço de ensino-aprendizagem, ou seja, a construção de novos lugares, por conseguinte, de novas identidades, apontamos a reflexão da prática educacional baseada na realidade como ponto central, observando aspectos como migração a novos espaços, bem como, apropriação dos mesmos, cujas potencialidades podem e devem ser utilizadas pelo professor.

Em resumo, é fundamental em qualquer espaço propiciado pela tecnologia, resgatar o espaço educacional, já que a compreensão do mundo físico e social por parte do educando, passa pela construção de conhecimentos significativos que têm como referência sua própria experiência. No entanto, quanto à operacionalização desse novo espaço educacional, evidencia-se o fato de que a pedagogia voltada à interatividade se dá em qualquer meio, mudam-se apenas os instrumentos. Portanto, as técnicas, abordagens e estratégias, constituem os novos desafios do professor que tenta ocupar e se apropriar de tal espaço.



### Referências:

- ANDRADE, Arnon Alberto Mascarenhas de. Dicionário crítico de educação. **Revista Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, p. 82-85, jul./ago. 2000.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução por Efraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceito e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- GÓMEZ, Angel Pérez. O pensamento prático do professor In: António Nóvoa. (Org.) **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- LÉVY, Pierre. **“O que é virtual ?”**. São Paulo: Ed. 34, 1996. (Coleção TRANS).
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- RIBNIK, Lúcia Maria. **Tecnologia Educacional: classificação das diferentes definições com base em revisão bibliográfica**. 2003. Acesso em 7 de julho de 2004. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/sde/docente/textos/ribnik.htm>.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.







## **Precarização do trabalho, tecnologias e formação de professores**

Márcia Barbosa da Silva  
*Professora da UEPG*

### **Resumo**

O presente texto tem por objetivo discutir o papel da tecnologia na sociedade atual, sua relação com a educação e com a formação de professores. Parte-se das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, do fordismo até o atual estágio de globalização do capital e os reflexos dessas mudanças na educação. Para isso tomou-se por base autores como Braverman, Castells, Clarke, Boaventura Souza Santos, entre outros. As análises feitas no nível macro-social servem de pano de fundo para a compreensão do papel das tecnologias na atualidade, sua relação com a educação, e daí pensar a formação de professores. Em meio a desafios que o professor enfrenta na sua prática com a situação de precarização da sua situação de trabalho, tem de ensinar o aluno a superar os mesmos problemas e constituir sua cidadania.

**Palavras chave:** trabalho, comunicação, educação, formação de professores





## **As transformações do trabalho**

O trabalho é um fator central na organização da vida humana, através dele o homem obtém as condições materiais e simbólicas para a sua sobrevivência e para a constituição de sua humanidade.

Dentre as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, serão destacadas neste artigo três grandes transformações do ponto de vista do capital. A primeira delas se situa no início do capital industrial quando um grande número de trabalhadores é empregado por um único capitalista (Braverman, 1977). Nesse momento o trabalhador ainda detinha o controle sobre o processo de produção. Contudo a necessidade de gerenciamento deu origem à organização do trabalho tal como a conhecemos hoje. O que marca a segunda grande transformação: com a fragmentação do processo de produção e a sua expropriação do trabalhador, ou seja, o trabalhador não tem mais o controle sobre o processo de produção, esse controle passa a ser externo. Por fim, a terceira transformação destacada nessa análise diz respeito às modificações ocorridas com a introdução das novas tecnologias de comunicação e informação (TIC) tornaram esse processo ainda mais complexo.

## **O modelo Taylorista-Fordista**



No início do século passado, o inglês Frederik Winslow Taylor implanta modelos de organização do trabalho visando a maior eficiência na produção. Junta-se a essa mudança, a contribuição de Henry Ford - dono da famosa fábrica de automóveis - que introduz a linha de montagem e a fabricação seriada de carros no processo de produção. A combinação dessas filosofias de organização do trabalho vai contribuir para uma brutal fragmentação do processo produtivo e para a separação entre gestão e produção, o fazer e o pensar. A racionalização do trabalho se apresenta em função da maior produtividade possível. A diferença entre Taylor e Ford é o empresário baseia sua forma de trabalho não somente em princípios da produtividade, mas também na formação do consumidor introduzindo a idéia do entrelaçamento entre produção e consumo. Ford tentou aplicar a sua filosofia com seus funcionários. Desse modo, cada um deveria ter o seu automóvel, além disso, procurava controlar os operários através de incentivos de produtividade, utilizando normas fundamentadas em uma moral rígida. Embora o projeto Ford não tivesse êxito na esfera pessoal - levando-se em conta que sua fábrica quase foi à falência – a filosofia que criou sobreviveu a ele na medida em que foi apropriada e incorporada historicamente ao sistema capitalista.

A produção no modelo Taylorista-Fordista caracteriza-se por uma

(...) produção em massa de produtos homogêneos, utilizando a tecnologia rígida da linha de montagem, com máquinas especializadas e rotinas de trabalho padronizadas. (...) Isso dá origem ao trabalhador de massa, organizado em sindicatos burocráticos que negociam salários uniformes que crescem em proporção aos aumentos na produtividade. (CLARKE, 1991:119)



Por consequência, a constituição da organização social e do trabalhador se baseia na homogeneidade e na especialização. Nesse momento o capital está voltado particularmente para o aumento da produção. Modelo favorecido principalmente pela adoção de políticas de proteção social criadas nos países mais ricos, o chamado Estado de Bem Estar Social, do qual se tratará mais adiante.

No modelo fordista aparece a preocupação com a formação de um consumidor massivo, o que gerou a seu tempo, consequências comportamentais, reorganizativas do modo como o homem e as sociedades se concebiam enquanto tal (Harvey 1993). Com o esgotamento desse modelo, o capital se reorganiza em torno do consumo diferenciado. A produção massificada dá lugar a uma produção segmentada e a um consumo segmentado, estabelecendo uma nova relação entre formas de execução, estocagem e venda de produtos visando a otimização do binômio produção/consumo. Diminui o tamanho das fábricas e aumenta a presença das tecnologias.

Máquinas flexíveis requerem trabalhadores flexíveis, ou seja, trabalhadores altamente qualificados, mas que tenham ao mesmo tempo facilidade de readequação a novas exigências, que se capacitem para o uso de tecnologias cada vez mais sofisticadas e se apresentem com respostas eficientes frente aos problemas que possam surgir. A nova configuração do capital gerou outras formas de organização do trabalho, na verdade o que houve foi a extinção de milhares de postos de trabalho, sem reposição, uma desarticulação da organização existente e a progressiva perda de direitos conquistados, sendo a



manutenção do emprego considerada, na atualidade, como o maior bem a ser preservado pelo trabalhador.

### **O papel do Estado e a globalização**

Após as crises de desemprego ocasionadas pelas duas guerras e pelo esgotamento do modelo focado na produção, houve a necessidade de uma reorganização do sistema capitalista. O mercado por si só não respondia às necessidades de reprodução do próprio capital. Foi nesse momento que o Estado exerceu um papel importante como regulador das relações de trabalho e também de proteção ao capital, uma vez que através dessas regulações se garantiria o funcionamento do próprio mercado (Castells, 1999; Santos, 2001). Isso propiciou o surgimento do chamado Estado de Bem Estar Social que atuou na implementação de políticas de proteção social que proporcionassem ao trabalhador uma condição mínima de bem estar para que pudesse movimentar o crescimento econômico. Com isso o Estado cresceu e assumiu ele mesmo algumas funções empresariais.

Manuel Castells aponta que o declínio do modelo de Bem Estar Social coincide com a crise do petróleo nos anos 1970, mas também com o surgimento de novas tecnologias de informação e comunicação que vão ajudar a modificar radicalmente a face do capitalismo. As novas tecnologias proporcionaram ao capital a viabilização de uma nova organização espaço-temporal. Com isso as empresas já não se localizam num lugar restrito, mas podem agora se expandir num espaço simbólico com sua cadeia de produção



fragmentada e espalhada por diversas partes do planeta, onde o capital possa articular maior produtividade e mão-de-obra a baixo custo. A própria localização física da sede burocrática da empresa pode diminuir ainda mais, no entanto a sua expansão no campo da produção passa por um espaço virtual criado *pelas e nas* novas tecnologias de informação e comunicação.

No novo modelo o Estado exerce um papel fundamental: o da autodesregulamentação. A necessidade de gerenciamento da crise econômica provocada pelas duas guerras mundiais forçou um crescimento do Estado que acabou se tornando um concorrente do capital. Interessado no campo de serviços públicos que traria grande fonte de lucro ao capital, este reage e pressiona pela diminuição do tamanho e do alcance do Estado sobre o mercado. Não se tratou, no entanto, de um enfraquecimento do Estado, pelo contrário, é necessário um Estado forte para atuar na desregulamentação do mercado e na regulamentação de políticas que favoreçam a privatização e o aumento da lucratividade. (Santos 2001).

A esse modelo, convencionou-se chamar de Globalização. Ele se apresenta ideologicamente como a única forma possível de estruturação da sociedade. Para o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, porém, sempre existiu globalização, o que se têm hoje são vários tipos de globalização que coexistem. Segundo este autor, longe de ser consensual, a globalização é um campo de conflitos entre grupos sociais, Estados e interesses hegemônicos.





O modelo de economia globalizada reorganiza o capital em nível transnacional, envolvendo as empresas multinacionais e o seu poderio frente aos governos de países periféricos. As empresas multinacionais interferem nesses governos através de manipulação da ajuda internacional e de controle da dívida externa. O que obriga os países periféricos a seguirem políticas de privatização e, em nome do crescimento econômico, vão se pauperizando ainda mais.

A globalização tem se mostrado até o momento a forma mais acabada de exploração do capital. Isso acontece não somente na relação entre capital e trabalho, mas entre nações ricas e pobres, uma vez que a nova forma sistematizada de capital ocasionou o aumento drástico das desigualdades entre esses países, impôs a fragmentação da classe operária, a aceleração da degradação do meio ambiente, gerou a globalização do crime organizado entre outros.

Na perspectiva neoliberal capitalista que emerge no campo da política, o governo torna-se governança, ou seja, o Estado deixa de ser o provedor para ser o controlador desses serviços que passam a ser executados por concessionárias (ongs, ou prestadoras de serviço, o Estado teria unicamente o papel de estabelecer normas e fiscalizar). O conceito de cidadania é substituído pelo de consumidor e os direitos passam a ser solvência, os pobres são insolventes – consumidores que ultrapassaram a capacidade de endividamento. (Santos 2001). No campo das relações sociais o simbólico, o imaginário, a emoção tornam-se mercadorias, engendrando novas formas de consumo e de produção da cultura, da sociedade.



Embora o quadro esboçado aqui sobre as questões do trabalho e das transformações sociais e econômicas sejam abordadas numa perspectiva macro-social do ponto de vista do capital para efeito da análise pretendida, nada disso, porém, acontece no vazio. Pelo contrário, todos esses fatos se desenvolveram e estão se desenvolvendo no cenário da luta de classes.

No Brasil, as transformações descritas foram marcadas por condicionantes históricos. O fato de estar na periferia das economias dominantes do planeta, fez com que o país vivesse, por exemplo, a desregulamentação do Estado no governo Fernando Henrique, sem ter passado pelo Estado de Bem Estar Social. Por outro lado, já no governo Lula, vai formar junto com a China e a Índia o principal bloco de oposição à política implantada pelo Fórum Econômico Mundial, e encabeçar uma luta contra a fome, numa antecipação do quadro que está em evidência na atualidade com a crise de alimentos. Do ponto de vista do trabalhador as transformações ocorridas custaram vidas. Os movimentos sociais de resistência e de proposição de outras formas de organização social coexistem e estão em disputa formando o que Boaventura Sousa Santos chama de globalização contra-hegemônica.

### **O papel das novas tecnologias de comunicação e informação e as mudanças no processo produtivo e na reconfiguração social**



A tecnologia sempre esteve presente como impulsionadora de transformações no processo produtivo. Foi assim com a passagem dos artesãos às oficinas e depois às fábricas. O que difere o papel desempenhado pela tecnologia hoje do papel desempenhado em outros tempos é que a informação tornou-se “o produto do processo produtivo” (CASTELLS, 1999). Além de proporcionar ao capital as condições de sua nova configuração, a tecnologia também influencia a vida cultural, a forma como as pessoas se percebem como sujeitos – senhores de si ou sujeitados – nas relações com o outro, com o mundo, consigo mesmo. Para Castells a busca pela identidade individual ou coletiva, atribuída ou consentida torna-se fonte básica de significado social. Segundo este autor, no ambiente das redes globais de comunicação as relações são substituídas ou vividas como conectividade e “(...) quando já não existe comunicação (...) surge uma alienação entre os grupos sociais e indivíduos que passam a considerar o outro como um estranho, finalmente uma ameaça” (op. cit. p 23).

As próprias interações sociais se transformaram nesse processo através da conectividade em rede, da instantaneidade na difusão das informações e da criação de territórios virtuais de relacionamento. Com certeza é no campo do simbólico que as tecnologias têm o maior impacto, quer seja pela viabilização de um número incalculável de informações quer seja pelas possibilidades de desenvolvimento de uma nova cognição baseada em habilidades adquiridas no trato com a tecnologia.

Tem-se nesses dois aspectos um terreno de disputa de poder pelo controle significados - produzidos e circulados - através do que se oculta, do que se mostra, de



como se mostra, de como se enfatiza este ou aquele aspecto da informação. Nesse sentido as elites se colocam numa posição privilegiada, já que por um lado detém os meios de produção e circulação de informação, por outro aprendem a lidar com as tecnologias *fazendo* e com isso modificam as suas aplicações, enquanto a maior parte das pessoas aprende *usando* e, assim, permanecem dentro dos limites do pacote da tecnologia (CASTELLS, 1999:55, destaques do autor)

### **A produção de bens simbólicos**

As empresas de comunicação sempre produziram mercadorias, primeiro produziram bens simbólicos que podiam ser consumidos diretamente como livros e mais tarde o consumo requeria que se comprassem aparelhos como condição de acesso, o que aumentou consideravelmente as desigualdades entre os consumidores. Quanto maior a renda, maior a possibilidade de escolhas. (GOLDING e MURDOCK, 2004)

O Estado como regulador das atividades das empresas de comunicação e também como gestor de redes de comunicação estatal exerce, ele mesmo, um grande poder. No Brasil, o Estado tem se alinhado aos interesses das elites, seja pela concessão de canais de rádio e TV prioritariamente ao setor político/privado, seja na adoção de políticas de aparelhamento das escolas com equipamentos tecnológicos, sem as devidas condições de continuidade através da manutenção e apoio técnico. Outro fator que influencia essa



situação é a ausência de programas de formação para o uso dessas tecnologias para a produção de significados próprios das comunidades de baixa renda.

Para Golding e Murdock, no entanto, a produção de informações não reflete apenas os interesses do capital já que essa produção passa por homens e mulheres de diversas origens sociais e que podem articular as mensagens produzidas de acordo com seus próprios interesses. Ainda que isso possa ser assimilado e de certa forma neutralizado pelo capital.

Segundo esses autores:

A história atual dos meios de comunicação não é somente uma história econômica de crescente interface com o sistema econômico capitalista, mas também a história política da crescente importância da mídia no exercício da cidadania plena. (GOLDING e MURDOCK, 2004, p3)

Nesse sentido a educação exerce um papel fundamental.

### **O cenário educacional**

No recorte traçado neste texto percebe-se que as transformações sofridas no âmbito do trabalho, são na verdade transformações na vida humana, no modo como os homens se organizam no social, na forma como se relacionam com o planeta, como se humanizam e se desumanizam de acordo com as experiências vividas. O exame do processo de degradação do trabalho e de transformação do simbólico em mercadoria



dinamizado pelo uso das tecnologias de informação e comunicação/mídias e seus reflexos para o exercício pleno da cidadania traz para a educação vários níveis de reflexão:

**A formação para a cidadania** – passando pelo resgate do seu sentido original e diferenciando-o das práticas neoliberais que procura substituir o seu significado pela idéia de consumidor;

**A formação para o trabalho** - ultrapassando a instrumentalização técnica e colaborando para a recuperação de sua humanização. Uma formação desvincilhada das receitas neoliberais que colocam para o sujeito a responsabilidade pelo seu sucesso profissional, deixando intocadas as relações de exploração e de miserabilidade produzidas pelo sistema capitalista;

**A formação para o uso das tecnologias/mídias pelas classes desfavorecidas** como forma de oportunizar a circulação no social de outros valores, outras visões de mundo e novas cognições colaborando para o que Santos (2002) chama de “globalização contra-hegemonica”.

O quadro traçado acima implica numa reflexão a respeito da formação do professor uma vez que ele está diretamente responsável pela implementação desses princípios na formação dos seus alunos.



## **Desafios para a formação do professor**

No âmbito das políticas públicas de formação de professores na sociedade brasileira, o que se tem verificado nos últimos tempos é um alinhamento com as políticas internacionais de cunho neoliberal que no fundo levam à desqualificação da educação nos países periféricos como forma de manutenção de uma dominação cultural.

As agências internacionais de fomento condicionam seus financiamentos à adoção de políticas que se concentram no ensino fundamental e colaboram para o desmonte do ensino superior. Incentivam a criação de centros de tecnologia em detrimento de uma formação mais abrangente (CHAUI, 2003).

Há uma espécie de ressurgimento da teoria do capital humano, na qual o conhecimento passa a ser um valor incorporado à força de trabalho. Os índices de escolaridade se tornam, cada vez mais, indicadores de crescimento econômico. Porém, o conhecimento agregado à mão de obra dos países periféricos não é aquele que lhe dê autonomia, não é o que lhe proporcione o instrumental crítico para o desvendamento das relações de expropriação, nem mesmo aquele necessário para a superação dessa situação. O conhecimento é terreno de disputa e a educação passa a ser alvo de controle via financiamentos internacionais para a manutenção da dependência econômica desses países.

Nesse contexto as agências internacionais impõem pacotes tecnológicos de formação em serviço do professor - preferencialmente na modalidade de educação a



distância - nos quais as tecnologias não são consideradas objetos de estudo, mas sim meios de realização da formação do professor. Isso restringe as possibilidades de avanço reflexivo do professor e de transformação de sua própria prática educativa (BARRETO, 2001)

Dessa forma o professor tem que lidar na sua atuação profissional e na formação em serviço com processos de degradação do seu trabalho, de perda de direitos conquistados, de desqualificação e ao mesmo tempo construir uma prática pedagógica que leve seus alunos a superar essas mesmas condições em busca do exercício da cidadania.

Como foi dito antes, nada disso acontece de uma forma linear e sem resistências ou conflitos. No âmbito da formação os embates sobre a identidade do pedagogo se constituem num exemplo significativo de como as diferentes forças em disputas vão a cada tempo avançando e recuando.

Outro dado significativo é que o fato do capital estar interessado na tecnologização da sociedade através da facilitação do acesso aos meios tecnológicos – ainda que por motivos puramente mercadológicos: o estímulo ao consumo dos aparelhos – esse acesso proporciona às classes trabalhadoras uma fruição e a possibilidade de produção de novos significados, de circulação de outros sentidos. Um exemplo disso é que mesmo a partir de propostas neoliberais de educação a distância na formação de professores, universidades públicas brasileiras vêm assumindo a responsabilidade de atuar nesse segmento como uma maneira de oferecer uma formação para além dos pacotes prontos e das pressões das políticas neoliberais.





É importante pensar que nesse cenário a educação *com, pelas e para* as mídias/TIC devem ser incluídos como objeto de estudo nos currículos de cursos de formação inicial e continuada de professores. Isso é importante dado o papel que as mídias vêm ocupando na contemporaneidade uma vez que quando a sua função social deixa de ser fonte de discussão e reflexão, torna-se fonte de manipulação das classes dominantes.

### **Referências:**

- BARRETO, R. G. (org) (2001) **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas**, Rio de Janeiro: Quartet.
- BRAVERMAN, H. (1977) – **Trabalho e capital monopolista: a desintegração do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: Zahar.
- CASTELLS, M. (1999) – **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra.
- CHAUÍ, Marilena (2003) – **A universidade pública sob nova perspectiva**, in Revista Brasileira de Educação, São Paulo: ANPED n. 024 Set-Dez pp.5-15.
- CLARKE, S. (1991) – **Crise do fordismo ou da social democracia?** Lua Nova: revista de cultura política. São Paulo, CEDEC n° 24 – setembro, p 117-164.
- GOLDING, P. e MURDOCK, G. (2004) - **Cultura, comunicação e economia política**, versão traduzida por Maria das Graças Pinto Coelho do original GOLDING, P.MURDOCK,G. – **Culture, communications and political economy**, in News: a reader. Great Britain: Oxisford Press, 2002 p 154-155.



HARVEY, D. (1993) – **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola.

SANTOS, B.S. (org), (2002) – **Os processos de globalização** in \_\_\_\_\_. A globalização e as Ciências Sociais. São Paulo: Cortez, p 35 - 102.



**Princípios didáticos em João Amós Comênio  
e a relação com os estudos sobre meios tecnológicos na educação brasileira**

*Sandra Mara de Oliveira Souza  
(Doutoranda em Educação pela UFRN)*

Ó vós todos, deixai os caminhos tortuosos, e avante para a meta! Se temos uma meta fixa e bem determinada, por que não havemos de esforçar-nos por atingi-la pelo caminho direto? Por que é que havemos de servir-nos mais dos olhos dos outros que dos nossos? (COMÊNIO, 1985).

**Resumo**

Num contexto de acelerado desenvolvimento tecnológico, estudar as ligações entre as teorias de ensino e aprendizagem, campo de estudo da didática, demanda uma série de reflexões. Dentre elas, a que diz respeito aos meios tecnológicos na educação brasileira e os pressupostos para a utilização destes no ambiente escolar. A partir da obra *Didáctica Magna*, de João Amós Comênio, alguns aspectos teóricos foram eleitos, buscando relacioná-los aos princípios de utilização dessas tecnologias, aqui entendidas menos em seu caráter maquínico e mais enquanto elementos integradores do técnico ao humano. O ritmo da aprendizagem, a aprendizagem através dos sentidos, a utilidade e



aplicabilidade do que se aprende e a ênfase na utilização de um método são princípios que já permeavam as preocupações do pensador tcheco, no século XVII, e que ainda constituem-se em campo de estudo, principalmente no que concerne ao uso de meios tecnológicos no campo educacional.

**Palavras-chave:** Comênio, Didática, Tecnologia, Educação, Meios Tecnológicos.



Escrever não é tarefa simples. Em primeiro lugar porque a nossa cultura, predominantemente oral, toma-nos a leveza das palavras. O que poderia ser uma experiência de compartilhamento perene de sensações, pensamentos e idéias, transfigura-se em exercício rígido e metódico de exposição. Em segundo lugar porque palavras são registros. E registros se perpetuam ao longo do tempo. Escrever é uma temeridade. Na fluência das palavras, tantos pensamentos (ir) realizados...

Escrever é também decorrência das leituras. Produto da imaginação aguçada pela conjunção de subjetividades. É, portanto, uma espécie de concretização daquilo que sorvemos através dos sentidos e da imaginação. Leitura das palavras, do mundo, da vida, do cotidiano. A leitura não se constitui em ato linear. Não se pode adaptar textos a épocas distintas sem estabelecer a devida contextualização. É o curso da História. É também o nosso papel enquanto pesquisadores: buscar respostas para algumas inquietações de nosso tempo.

Uma dessas inquietações, que ora apresentamos neste artigo, diz respeito ao pensamento de um autor fundamental para a área de Educação, João Amós Comênio (1592-1670), e de que forma algumas de suas concepções estão incorporadas nos estudos sobre os princípios que regem os meios tecnológicos na educação escolar brasileira.

O autor dedicou-se à criança e sua formação numa perspectiva religiosa e moral. Desenvolveu idéias avançadas para a prática educativa nas escolas, numa época em que surgiam novidades no campo da Filosofia e das Ciências, bem como grandes transformações nas técnicas de produção no mundo do trabalho. A sua obra Didática



Magna inaugura a didática enquanto teoria de investigação das ligações entre ensino e aprendizagem, num período em que a ação pedagógica na formação de crianças e jovens acontecia dentro de um certo espontaneísmo.

Contemporaneamente falar em didática significa mergulhar num campo tanto vasto quanto importante. A prática escolar traz em si condicionantes que precisam ser analisados sob o ponto de vista dos pressupostos teóricos e metodológicos que fundamentam um dado momento sócio-histórico-político. Falar em didática representa também um mergulho na tecnologia educacional, nos meios de comunicação e nos projetos tecnológicos implementados nas últimas décadas. Um dos grandes desafios para professores e pesquisadores da área de Educação diz respeito à utilização dos meios tecnológicos dentro de duas perspectivas: a primeira, considerando-os ferramentas pedagógicas ricas e a segunda considerando-o um campo de saber,

[...] objeto de estudo complexo e multifacetado, exigindo abordagens criativas, críticas e interdisciplinares; sem esquecer que se trata de um ‘tema transversal’ de grande potencial aglutinador e mobilizador. (BELLONI, 2001, p.9).

## **Marcos em torno da Tecnologia Educacional**

Historicamente, as propostas de uso da tecnologia apoiaram-se em três Ciências Sociais: as ciências da informação e da comunicação, a psicologia da aprendizagem e da instrução e os novos métodos e conceitos de planejamento. (OLIVEIRA, 1976). Essa convergência resultou na chamada Tecnologia Educacional, tendência que adquiriu força a



partir dos anos 50. A eletrônica, a cibernética, a engenharia, em geral, apenas facilitaram a execução de programas, não fornecendo, entretanto, regras necessárias à sua montagem. Estas decorreriam, essencialmente, das teorias da aprendizagem, às quais ofereceriam as sugestões derivadas dos grandes achados experimentais. Portanto, a Tecnologia Educacional surge como conseqüência da constatação do vasto hiato entre as práticas educativas consideradas convencionais e os conhecimentos científicos já disponíveis.

Os principais movimentos responsáveis pela incorporação dos meios tecnológicos na educação foram os dos especialistas em recursos audiovisuais e comunicação de massa e os dos psicólogos ligados à análise experimental do comportamento. Muitos psicólogos começaram a investigar a utilização de filmes, transparências, projetores, gravadores, na profusão de estímulos sensoriais ao educando, basicamente estímulos audiovisuais.

No Brasil, já no início do século XX, o cinema e o rádio eram utilizados com fins educativos. O cineasta mineiro Humberto Mauro transfere-se para o Rio de Janeiro e passa a trabalhar no Instituto Nacional de Cinema Educativo, para quem realiza dezenas de documentários. Além de educativos, científicos, musicais e turísticos. Em 1933, termina a filmagem de sua mais importante obra, “Ganga Bruta”. Considerado um clássico da cinematografia brasileira, este filme penetra profundamente no meio social em que transcorre a ação. Destacando-se na produção nacional, produziu ainda “Favela dos Meus Amores” (1933), uma visão sentimental dos morros cariocas. Mas o grande filme histórico dos anos 30 é o documentário “O descobrimento do Brasil”. A boa reconstituição histórica, a beleza da paisagem, a propriedade da angulação e do enquadramento, além do



pertinente enfoque temático caracterizam esse média-metragem documental, consolidando ainda mais a posição ímpar do cinema brasileiro e do cineasta Humberto Mauro no contexto educativo.

O rádio brasileiro, em sua gênese, foi também amplamente utilizado para fins educativos. No fim dos anos 60 e início dos 70, chegaram ao Brasil os conceitos de Tecnologia Educacional e tinham como ponto de referência o aumento de produtividade dos sistemas de ensino. Nessa época a ambição do governo era reduzir tempo, concentrar investimentos e aumentar a qualidade do “produto”.

Quando se começou a falar em Tecnologia Educacional no país, o termo circulava entre uma minoria de especialistas recém-chegados de universidades estrangeiras. No exterior já há muito se discutia sobre a definição precisa do conceito, mas, no Brasil, os interesses e esforços voltaram-se, particularmente, para a teleducação, aqui entendida mais no sentido de educação à distância do que propriamente de televisão educativa.

Quando, também entre nós, passou-se a encarar a teleducação como parte de uma estratégia de inovação mais ampla, quando se encarou o fato de que, dentro da própria escola cabia introduzir inovações que levassem à reestruturação do ensino, o termo tecnologia educacional passou a significar não apenas a preocupação com a introdução de modernos conceitos pedagógicos e instrumentos técnicos, como também a preocupação com o planejamento e a administração do ensino. Dentro desse enfoque, a expansão da televisão encontrou eco nas suas características de meio multiplicador e de alcance ilimitado.





Atualmente, dentro do contexto da globalização, faz-se necessária uma reconceitualização da Tecnologia Educacional tendo como principais pressupostos o conjunto de fatores sociais, históricos e filosóficos que caracterizam a vida social contemporânea e também sociedades marcadas por diversidades como é o caso do Brasil.

Entendemos a Tecnologia Educacional como o corpo de conhecimentos que, baseando-se em disciplinas científicas encaminhadas para as práticas de ensino, incorpora todos os meios a seu alcance e responde à realização de fins nos contextos sócio-históricos que lhe conferem significação. A Tecnologia Educacional, assim como a Didática, preocupa-se com as práticas do ensino, mas diferentemente dela inclui entre suas preocupações o exame da teoria da comunicação e dos novos desenvolvimentos tecnológicos: a informática, hoje em primeiro lugar, o vídeo, a TV, o rádio, o áudio e os impressos, velhos ou novos, desde os livros até os cartazes. (LITWIN, 1993, p.13).

No debate sobre a Tecnologia Educacional hoje, ganham força as preocupações ideológico-políticas e ético-filosóficas como crítica e superação da marca tecnicista do momento de seu nascimento. O próprio termo tecnologia sugere diversas interpretações e ambigüidades. Várias são as definições e divergências a respeito do termo.

### **E por falar em tecnologia...**

Segundo CRUZ (2001) devemos diferenciar o que convencionou-se chamar novas tecnologias e a maquinaria que as incorpora, uma vez que tem sido comum na escola associar-se o termo novas tecnologias aos aparelhos eletro-eletrônicos. Para Manacorda:



As tecnologias físicas são diferentes tipos de meios audiovisuais, laboratórios lingüísticos e as máquinas de ensinar, etc. É por isso que nós lhe damos um justo título de recursos didáticos “auxiliares”, dado o fato de sua potencialidade só poder ser concretizada se existir outra tecnologia baseada não nas ciências físicas, mas nas ciências do comportamento humano, uma tecnologia que procure integrar essa última numa compreensão tecnológica global do processo educativo. (MANACORDA, 1968, p. 64).

Procuramos situar a tecnologia enquanto um conjunto de procedimentos técnico-científicos que possibilitam a aplicação sistemática de conhecimentos. Na educação ela não deve ser encarada como fim, mas como processo intermediário. Assim sendo, verificamos que fora dessa perspectiva, a tecnologia física fica restrita a elemento pleno de simbolismos e que, ao ser inserida no contexto do trabalho, atende adequadamente às exigências do modelo globalizado, onde a maquinaria é geralmente introduzida de forma manipuladora, praticamente “apagando” todos os projetos educacionais que vinham sendo trabalhados até então.

Reconhecer as mudanças, estabelecendo as tecnologias de instrução e preparar técnica e cientificamente os docentes, desenvolvendo habilidades e competências específicas, configuram como os principais caminhos para uma utilização racional da tecnologia disponível, meio pelo qual pode-se sair da esfera da reprodução.

## **Princípios didáticos em Comênio**



A seguir, alguns aspectos importantes da obra de Comenio que apresentamos como fundamental para a presente discussão e suas respectivas relações com os processos educativos centrados no uso dos meios tecnológicos no ambiente escolar:

Ritmo da aprendizagem;

A aprendizagem através dos sentidos;

A utilidade e aplicabilidade do que se aprende;

A ênfase na utilização de um método.

### **Ritmo da aprendizagem**

No que diz respeito ao ritmo da aprendizagem, encontramos em sua principal obra, “Didática Magna” (concluída em 1632 e publicada em latim em 1657), a seguinte afirmação:

Faz-se, portanto, violência às inteligências: 1. todas as vezes que se constroem a fazer coisas superiores à sua idade e à sua capacidade; 2. todas as vezes que se obrigam a aprender de cor ou a fazer coisas que primeiro não foram explicadas, esclarecidas e ensinadas muito bem. (COMENIO, 1957, p. 243).

O autor defendia a concepção de que cada ser humano atravessa fases ou estágios de formação: a infância, a puerícia, a adolescência e a juventude. Nesse



contexto, o conhecimento deveria acompanhá-lo. Depreende-se a presença constante de um professor, numa relação unívoca entre aquele que ensina e aquele que aprende. Portanto, a experiência de aprender seria essencialmente pela imitação, ou, como citado pelo próprio autor, pelo exemplo.

A inserção de meios tecnológicos no processo educacional tem possibilitado que alunos e professores, conjuntamente, não somente imitem, mas, avancem no sentido de incorporar novos saberes e novos conhecimentos a partir do tempo de cada um. Exemplo disso são os chamados Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) que disponibilizam os materiais uniformemente. O que muda é a relação que cada um estabelece com o conteúdo apresentado.

No que diz respeito à aprendizagem através do exemplo, os AVAs permitem a simulação de eventos e experiências que, sem este recurso, seriam de difícil observação. É o caso dos simuladores de vôo, laboratórios virtuais de química e física e das ciências médicas e biológicas.

Para Freire (1999, p. 29), na “[...] verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. Torna-se clara a necessidade da participação do professor. Nesse caso, porém, não como detentor do saber, mas como mediador do processo de aprendizagem. Segundo Blandin (apud BELLONI, 2001), o professor tende a ser cada vez mais mediatizado, explicitando o termo com a seguinte definição:



Mediatizar significa, então, codificar as mensagens pedagógicas, traduzindo-as sob diversas formas, segundo o meio técnico escolhido (por exemplo, um documento impresso, um programa informático, didático ou um videograma), respeitando as “regras da arte”, isto é, as características técnicas e as peculiaridades de discurso do meio técnico. (BLANDIN apud BELLONI, 2001, p. 27).

Num sentido mais amplo, mediatizar diz respeito à concepção de metodologias de ensino e estratégias de utilização de materiais de ensino-aprendizagem que potencializem ao máximo as possibilidades de aprendizagem autônoma (BELLONI, 2001).

Um dos grandes equívocos envolvendo o uso da tecnologia nas experiências em Educação à Distância, por exemplo, diz respeito ao fato de que o foco não deve ser nos materiais ou no aluno, mas na relação. De nada adianta transplantar aulas para o computador ou televisão. Há que se respeitar as características de cada instrumento e verificar a melhor forma de serem apreendidos pelo educando, levando-se em consideração as peculiares condições de aprendizagem: ausência física do professor, horários flexíveis, a possibilidade de dispersão, etc.

### **A aprendizagem através dos sentidos**

Os estudantes, por sua vez, devem aprender, ao mesmo tempo, a expor as idéias com a língua e a exprimi-las por meio de gestos, de modo que não se dê por terminado o estudo de nenhuma matéria, senão depois de ela estar suficientemente impressa nos ouvidos, nos olhos, na inteligência e na memória. (COMÊNIO, 1957, p 245).



Para expressar-se bem, não basta conhecer. Também é preciso sentir. Os sentidos tiveram, com Comenio, especial importância para a compreensão do que é ensinado. Ao afirmar “Imprimir na imaginação por intermédio dos olhos”, o autor revela especial ênfase nas experiências sensoriais, grandemente reforçadas através das imagens. Assim sendo, a aprendizagem ocorreria de forma satisfatória quando houvesse a associação entre diferentes sentidos. A escrita tinha associação direta com que se ouvia e via, formando assim um conhecimento integrado e, conseqüentemente, uma memória associativa.

A incorporação de meios tecnológicos no processo educacional permite-nos não somente introduzir uma linguagem de domínio do educando, como também promover a aprendizagem seguindo os princípios de Comênio. A convergência de alguns meios tecnológicos no computador permite aos envolvidos no processo educacional a utilização de materiais e conteúdos que atingem praticamente todos os sentidos humanos. No computador, pode-se assistir vídeos, ouvir rádio, ler textos e, com a realidade virtual, sentir odores e até experimentar sensações táteis, levando o educando a utilizar vários sentidos para uma efetiva apropriação do conhecimento.

Desde teóricos como McLuhan até Pierre Lévy muitas teses vêm sendo construídas em torno dos efeitos da tecnologia na vida social e a influência sobre o comportamento humano. Lévy (1993) categoriza o conhecimento existente nas sociedades em três formas diferentes: a oral, a escrita e a digital. Embora essas formas tenham se originado em épocas diferentes, elas coexistem e estão todas presentes na sociedade atual.



A tecnologia digital rompe com a narrativa contínua e seqüenciada das imagens e textos escritos e se apresenta como um fenômeno descontínuo. Nessa perspectiva, não resta apenas ao sujeito adquirir os conhecimentos operacionais para poder desfrutar das possibilidades interativas com as novas tecnologias. Exige a apropriação e uso dos conhecimentos e saberes disponíveis não como uma forma artificial, específica e distante de comportamento intelectual e social, mas integrada e permanente, inerente à própria maneira de ser do sujeito, com recuperações em que se mesclam erudição e intuição; espontaneidade e precisão: o lúdico e o lógico, o racional e o imaginário; o presente, o passado e o futuro e as diversas memórias humanas e cibernéticas.

Apesar de Lévy categorizar o digital enquanto forma de apropriação do conhecimento, acreditamos ser esta uma categoria de suporte para o oral e o escrito. Não é à toa que a Internet, em sua essência, condensa som, imagem e textos escritos, sem os quais não faria o menor sentido a ocorrência de tais recursos digitais. As escolhas de possibilidades variadas de ação e comunicação encontram-se inexoravelmente atreladas aos elementos desencadeadores de tais possibilidades, leia-se o oral e o escrito.

A utilização de meios tecnológicos possibilita aos educadores trabalhar com o que Comenio chamou de “curso da natureza infantil” ou seja, ensinar aquilo que a criança compreenda, para posteriormente avançar para o pouco ou não conhecido. Os aparatos eletro-eletrônicos permitem que a construção e reconstrução de conhecimentos ocorram conforme o ritmo individual de cada um, levando assim os envolvidos no processo à



compreensão do caminho percorrido, dos erros e acertos realizados. A utilidade e aplicabilidade do que se aprende

Aumentar-se-á ao estudante a facilidade da aprendizagem, se se lhe mostrar a utilidade que, na vida quotidiana, terá tudo o que se lhe ensina. (COMENIO, 1957, p.246).

O fundamento IX expressa uma premissa relevante no que diz respeito às relações entre conteúdos ensinados. Uma grande discussão gira em torno da forma como aprender com os meios tecnológicos. Discutir-se e aprender com e para a tecnologia significa transcender práticas meramente instrumentais, superar a visão apocalíptica que recusa de forma cômoda a tecnologia em nome do humanismo e inserir-se na “pedagogia das competências”. A sociedade exige um indivíduo com capacidade de organizar o próprio trabalho, de adaptar-se a situações novas, de aprender a buscar o próprio conhecimento de forma contínua, além de trabalhar de modo mais cooperativo. Tais princípios, embora estejam em consonância com um discurso ideológico coerente, têm relação direta com a utilização de tais meios tecnológicos.

A utilização dos meios permite aos envolvidos no processo pedagógico “navegar” entre os conteúdos ensinados de forma interdisciplinar, vinculando-os com a realidade e as mudanças sociais mais amplas. Tal fato leva-nos à constatação de que nem tudo o que se apresenta como informação pode ser considerado conhecimento. Daí que a correta orientação quanto ao uso dos recursos tecnológicos potencializa ainda mais o papel do





educador. A Internet, por exemplo, é um recurso que facilita a dispersão. A presença de um interlocutor, mediador do processo pode facilitar o direcionamento daquilo que se busca pesquisar. Os professores não podem ignorar que o seu papel é o de também educar para a sociedade da informação, no sentido de buscar desenvolver nos alunos a criticidade, a ética e, principalmente, a possibilidade de transformar a imensa quantidade de informações recebidas em conhecimento. Por exemplo, tal como a leitura de um texto científico, sem uma orientação metodológica adequada, transforma-se em apenas mais uma leitura, a pesquisa utilizando-se a Internet pode transformar-se em confusão de conceitos e visões acerca de um mesmo tema.

Aprender é também descobrir. Aplicar o que se descobriu é encontrar os caminhos para o conhecimento.

### **A ênfase na utilização do método**

Confunde-se, portanto, a juventude e torna os estudos excessivamente intrincados, a variedade do método, ou seja, o facto de, não só diversos autores ensinarem as artes de modo diverso, mas até de um e o mesmo ensinar de modo diverso. Por exemplo: um método para a gramática, outro para a dialéctica, etc, quando poderiam ensinar-se uniformemente, e em conformidade com a relação e o nexó comum que as coisas e as palavras têm entre si (COMÊNIO, 1957, p.247).

Precursor de um viés interdisciplinar em sua obra, Comênio aposta num método único para ensinar as Ciências. Defendia que cada assunto fosse ensinado um de cada vez. Primeiramente as coisas, depois as palavras.



No campo de novas exigências cognitivas, os novos “modos de aprender” são ainda uma incógnita para a maioria dos pesquisadores. Que métodos utilizar para integrar a imagem como fonte de saber? Como avaliar alunos num processo de ensino à distância? Como fazer da câmera de vídeo, por exemplo, parte de uma pesquisa antropológica, sem experienciar uma sensação de deslumbramento estético?

Nos dias atuais falar em método único soaria, no mínimo, inadequado. Mas, ao se propor o desenvolvimento de projetos de trabalho interdisciplinares teremos não apenas um método, mas uma metodologia que inclui todas as disciplinas envolvidas. Os projetos apontam para uma concepção de educação que parte do cotidiano do aluno em direção ao conhecimento científico, visando o estabelecimento de relações entre a experiência vivida e a cultura sistematizada, assim como a elaboração e a produção de novos conhecimentos e formas de intervenção na realidade, pois, conforme preconizava Comênio, a principal tarefa da didática é a de buscar características e métodos de ensino correspondentes, de acordo com a ordem natural das coisas.

### **Concluindo...**

O filósofo grego Platão (427-347 a.C.) criou uma alegoria conhecida como mito da caverna que serve para explicar a evolução do processo de conhecimento. Relacionar os princípios didáticos de Comênio com as concepções sobre a tecnologia na educação soa como um escape da caverna, rumo ao mundo luminoso da realidade. Demonstra a



atualidade de um pensamento que, embora cronologicamente distante, abre caminhos e perspectivas para a construção de novos conhecimentos, a partir de concepções não tão novas assim.

O pensamento de Comenio marcou o início dos estudos sistematizados sobre a didática. Seus princípios norteadores e suas concepções transformam o processo de ensino-aprendizagem em algo concreto, palpável e, principalmente, passível de ser realizado. Em tempos de acelerado desenvolvimento tecnológico, faz-se mister recuperar os princípios e valores que tornam a Educação instrumento de mudança e de real avanço para a humanidade. Para isso, devemos conceber um modelo de educação que proporcione aos educandos possibilidades de auto-expressão e participação. Os meios tecnológicos podem e devem ser utilizados para alcançar tais objetivos. Para isso devem modificar seu viés de meios de informação para meios de comunicação.

### **Referências:**

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas (SP): Autores Associados, 2001.

COMÊNIO, João Amós. **Didáctica magna**. Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. Tradução Joaquim Ferreira Gomes. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1985.



- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**: ser, saber, fazer. São Paulo: Saraiva, 2002.
- CRUZ, Vilma Vitor. **As novas tecnologias como recurso didático-pedagógico**. Texto apresentado no Seminário Nacional de Profissionais Técnico-Administrativos do CEFET. Natal: maio de 2001. (mimeo).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- LITWIN, Edith. (Org). **Tecnologia educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da Antigüidade aos nossos dias**. Tradução Gaetano Lo Monaco. São Paulo: Cortez, 1995.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- OLIVEIRA, João Batista de Araújo. **Tecnologia educacional: conceitos e preconceitos**. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, n.138, p. 183-196, jan./ abr. 1976.



## **BORGES, a suspensão do mito**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ângela Almeida  
(Departamento de Educação/UFRN)

### **Resumo**

A partir da narrativa de Jorge Luis Borges sobre o mito do A Bao A Qu em: O livro dos Seres Imaginários ( 1981) procuramos discutir o processo de contemplação estética como um deslumbramento deflagrador de emoções, tanto impregnado de valorização das formas como de atitudes estéticas.

Atravesso a porta de marfim ( aquela pela qual Enéias [Eneida] optou no regresso dos campos Elíseos, na sua volta à terra) para chegar aos mitos selecionados por Jorge Luis Borges no Livro dos Seres Imaginários( Borges-1981).

Na passagem da Eneida havia duas portas: a de marfim, pela qual os homens recebiam os sonhos falsos e a porta de chifre, onde se recebiam os sonhos verdadeiros ou



proféticos. Entretanto esse retorno de Enéias à terra pela porta de marfim, significou que de fato ele não estava na realidade; afinal, para Virgílio, o mundo verdadeiro era possivelmente o mundo platônico.

Então, escolho a porta de marfim como acesso ao mundo dos sonhos, dos mitos, da vigília, permitindo assim adentrar nos fragmentos da obra de Borges e precisamente no mito selecionado por ele, o *A Bao A Qu* (Borges-1981, p. 3).

O mito *A Bao A Qu* é narrado como sensível aos valores das almas humanas. Ele vive em estado letárgico, no primeiro grau, e só chega a gozar vida consciente quando um humano sobe até o último degrau das escadas da Torre da Vitória. No decorrer da subida ele vai adquirindo e irradiando luz a partir da vibração do humano. A sua matéria vai adquirindo movimento e um corpo translúcido e se posicionando nos calcanhares do visitante/peregrino. A cada degrau que é alcançado pelo peregrino, mais sua luz se irradia e ofusca. Entretanto sua forma perfeita só é conseguida plenamente quando o peregrino chega ao último degrau e esse só chega lá se ele for um ser evoluído espiritualmente. Não o sendo, o *A Bao A Qu* fica paralisado e exprime sua queixa através de um rumor semelhante ao roçar da pele numa seda. Quando o peregrino é cheio de pureza o *A Bao A Qu* pode chegar a sua forma completa e no último degrau. Porém seu momento de vida é muito breve e logo ele cai e volta ao primeiro degrau já sem vida, completamente sem luz e fica a esperar o próximo peregrino. É dito que o *A Bao A Qu*, no curso dos séculos só chegou uma vez a sua plenitude.



Simbolicamente, a própria atividade de subir a escada em forma de caracol para contemplar a paisagem mais extraordinária do mundo (segundo o próprio mito), é inicialmente uma atividade antes de tudo estética, que contém também sua porção trágica, a de não vislumbrar a paisagem e voltar ao primeiro degrau. Assim, a escada é um elemento de transporte; um lugar de passagem, de transformação, de interseções de linhas curvas, onde qualquer um pode entrar, porém poucos são os escolhidos ou os que alcançam o topo.

O próprio formato em caracol da escada leva à alternância dos processos de sacralização e dessacralização e de procura da alma, mas também de procura do erótico, da dança, dos impulsos, pois o A Bao A Qu necessita da energia humana para gozar da consciência de vida. Nesse momento, o peregrino pode assinar um pacto com o mundo e reencontrar-se seja através da fé ou do gozo físico, ou mesmo se entregar aos impulsos subterrâneos ou ao sabor do acaso. Tais experiências (revelações) causam transformações (no caso do A Bao A Qu, este se transforma em luz), e carregam uma espécie de química (no corpo) que podemos definir como tensões, distensões, aproximações, afastamentos, subidas e descidas, num tempo absoluto de segundos. É um fio de luz rasgando, formando a espessura de um corpo em fusão. Tudo se dá num limiar tão estreito quanto o corte de um fio de uma navalha ou o momento de um gozo. O peregrino, ao se fundir com o A Bao A Qu, diretamente ou por contraste, chega ao ato da entrega, mesmo tendo a certeza do abismo, da descida (todos descem, mesmo os que não chegam ao topo), mesmo tendo sido



incorporado ao objeto de desejo. É um tempo de suspensão, de angústia, chegada e êxtase.

A subida da escada provoca dois movimentos: um, rumo à plenitude; outro, à consciência da divergência. Após o mais íntimo e intenso contato (a fusão), vem a queda ou a morte para depois renascer para outro peregrino. Bruscamente acontece o fim para os dois (o humano e o mito); separam-se, tornando-se daquele momento em diante, estranhos um ao outro.

Todos esses movimentos lembram o ato amoroso ou erótico. Logo após o instante do gozo, ocorrem, abruptamente, a dilaceração, o desencaixe dos corpos e o reconhecimento da individualidade e a consciência da solidão, de um não ser o outro o tempo todo.

Não chegar lá (no mito), alcançando apenas alguns degraus, pode ser comparado ao fracasso sexual, quando se instala na consciência a lesão, a percepção da insuficiência, a não realização do gozo.

No mesmo lugar em que se declara a insuficiência, pode acontecer a entrega, com a consciência clara de seus limites; porém a procura do excesso, da transgressão, do imprevisto de uma nova ou outra exaltação permanece. Por mais simples e rápido que seja o ato amoroso, há uma nudez, uma entrega, pura, bruta, em oposição ao abismo vertiginoso do instante seguinte.





Em ambos os casos, de entrega e de descida, há forças arcaicas de uma apaixonada ou frustrante emoção, o que constitui uma experiência fundamental, havendo também um certo estado de embriaguez estética.

O mito do A Bao A Qu almeja a contemplação como trunfo após a fusão com a vida. É uma contemplação por recompensa e pelo grau de evolução espiritual do peregrino. Não há nenhuma relação com a natureza a não ser de contemplação. O lugar de transcendência é uma escada (materialidade). Assim só a partir do reconhecimento do outro é que acontece a vida. A contemplação não significa um caminho para Deus, trata-se antes de uma contemplação de devaneio, propiciadora de um estado relaxado após a tensão da fusão, da entrega, da carga de energia adquirida.

O processo é impregnado de valorização das formas (no mito - sua forma se aperfeiçoa à luz mais brilhante), o que é uma peculiaridade inerente à atitude estética. A fusão é criação, é transformação das formas e aciona um processo que é de quem contempla o objeto criado.

Nessa contemplação estética há o envolvimento dos sentidos. Isso quer dizer vida: aquele que se expõe através da luz; claridade que se constitui como princípio da forma, realizando-se como tal através da contemplação do outro. Luz, como relação de vida, como transcendência, como criação de formas (imagem), como uma hipnótica e brusca revelação do que está morto ou velado. Espécie de deslumbramento deflagrador de uma emoção estética. Acordo com a vida, com um ser de trevas que brilha no instante de um acaso (no mito, quando ocorre a fusão).



Analisada pelo ângulo cristão, a queda é a condição mortal do homem, o seu mais profundo infortúnio, a perdição, o mal que irrompe no bem e o tudo que permanece na sombra do pecado.

Entretanto o mito do A Bao A Qu se exprime melhor no campo do erotismo e da morte, colocando quase que definitivamente os dois no mesmo nível. Convém lembrar que o A Bao A Qu só se transforma em luz quando a energia do outro (erotismo) existe, e na negação ou êxtase vem a morte.

Para Lévi-Strauss o mito pode explicitar mensagens constituídas de união entre som e imagem ( lembra o cinema), entre o pensamento lógico e a percepção estética. E mesmo que a criação de mitos ocorra no interior da fabricação das produções humanas, eles adquirem vida própria, falam entre si, transformam-se, resignificam o tempo, pensam os homens além do aqui e agora, “...afinal de contas os mitos dizem todos a mesma coisa” (Apud. Carvalho, 2003.p.43). Assim temos de apreender o mito como totalidade e descobrir que o seu significado básico não está ligado à seqüência de acontecimentos. Os mitos são uma e a mesma coisa, mas considerados de diferentes pontos de vista.

Por isso, os territórios míticos são circulares, com tempo em suspensão, sem linearidade, sem acontecimentos lógicos, podendo acontecer em fragmentos sem codificações racionais. Assim os mitos não devem ser interpretados por um único olhar, mas na relação que eles estabelecem entre os outros, num sistema temporal de novo tipo.

O mito do A Bao A Qu também se faz dialogar com as idéias de Michel Leiris quando escreve sobre a tauromaquia e explica que alguns momentos da tourada são como:



“...ponto tangente do zero e do infinito, encontra-se entre os inúmeros fatos que constituem nosso universo certa espécie de nós ou pontos críticos que poderíamos geometricamente representar como lugares onde o homem tangencia o mundo e a si mesmo”( Leiris, 2001-p.11). São lugares ou situações que por um instante se pode tocar o infinitamente íntimo, único e oculto. Como se deslizássemos para um lugar nunca experimentado; entretanto só alguns têm o direito de experimentar. Diante de nossa civilização, onde as coisas já aconteceram, onde somos em grande maioria engessados por pensamentos lógicos e racionais, divorciados do mundo sensível, dificilmente conseguiremos tocar esses impulsos da afetividade.

Outra relação do mito com a arte da tauromaquia e o ato sexual é o afastamento imediato após contatos, a queda, após a vertigem erótica os corpos esfriam, o matador mata o touro, o mito volta a sua antiga não forma. A morte e o eterno retorno, como lembra Italo Calvino ( 1993-p.19) se referindo a Ulisses ele diz que não podemos esquecer que a viagem de Ulisses não é de jeito nenhum uma viagem de ida, mas de retorno. O movimento do mito A Bao A Qu é de eterno retorno ao estado inicial. O Ulisses homérico logra recuperar seu passado com um presente e a sabedoria é a repetição. Assim o desejo de um futuro a ser conquistado é garantido pela memória de um passado perdido. Por isso o retorno deve ser lembrado identificado e lembrado para que não corra o perigo de ser esquecido antes que ocorra. Como diz Bachelard: “...o devaneio lembra [...] o devaneio ajuda-nos a habitar o mundo, a habitar a felicidade do mundo”. ( Bachelard 1988-p.20/23).



Borges também compilou outras metáforas de vida e morte em *O Livro dos Seres Imaginários*. Como o mito da “pantera”, que ele confessou ter encontrado em leituras nos bestiários medievais. Ele atenua o espanto que essa alegoria pode causar ressaltando que, para os saxões, a pantera não era uma besta feroz, mas, sim, um som exótico, sem o apoio de uma representação muito concreta.

Registra ainda uma outra descrição desse mito, feita por Leonard da Vinci (BORGES, 1981, p. 134/135):

A pantera africana é como uma leoa, porém as patas são mais altas, e o corpo mais sutil. É toda branca e salpicada de manchas negras que parecem rosetas. Sua formosura deleita os animais, que sempre andariam à sua volta, não fosse seu terrível olhar. A pantera, que não ignora esta circunstância, baixa os olhos; os animais dela se aproximam para gozar tanta beleza e ela captura o que está mais próximo e o devora.

O mito da pantera que irradia beleza e devora os mais próximos, descrito por Leonardo da Vinci, traz elementos de aproximação ao mito da “onça Caetana”, símbolo da morte violenta no sertão do Nordeste. Esse mito nordestino expõe esteticamente a figura de uma onça denominada de Caetana que representa o feminino, belo e jovem e, ao mesmo tempo, cruel e fascinante. Ela ( a onça) tem a pele lavrada; um pelo curto, sedoso. É macho e fêmea. É parto e gozo. Essa morte no sertão é a morte repentina, quando se morre de bala ou doença; e a morte lúdica, sensual, quando se entrega o homem se entrega a Caetana, seu destino traçado. É por isso que até a morte no sertão é natural, não se faz grande diferença entre as mortes, sejam elas naturais ou a tiro ou até mesmo a morte de



uma rês picada por uma cobra, todos são humanos que um dia morrem. A vida é entrelaçada de sentidos, de certezas e incertezas, mitos e racionalidades, gozo e dor. Como escreve Ariano Suassuna através do seu personagem, o Juiz na peça *Uma Mulher Vestida de Sol*, quando ele diz:

“Vim por uma estrada parda, por entre pedras calcinadas e escorpiões, arriscando a vida diante das cobras cascavéis e das corais de cor radiosas. [...] Pobreza, fome, seca, fadiga, o amor e o sangue, a possessão das terras, as lutas pelas cabras e carneiros, a guerra e a morte, tudo que é elementar no homem está presente nesta terra perdida”. (apud Nogueira, 2002-p.46).

Os mitos/as imagens mitológicas implicam o antropomorfismo, no qual animais, plantas e coisas podem ter sentimentos humanos, comportam-se como humanos e exprimem os desejos destes seres. E o inverso também é verdadeiro: o homem também assume formas animais e se apresenta com os instintos destes seres. Por intermédio do mito há um movimento de apropriação do mundo, de redução do universo a dados inteligíveis pelo homem.

Os mitos reaparecem em diversas culturas e se diferenciam pela linguagem e fluem como uma faculdade natural, levados pelos sentidos e pela imaginação. Tornam possível o impossível e o sobrenatural, natural.

Voltando a abrir a porta de marfim da *Odisséia* para buscar Borges encantado com seus tigres, armas brancas, espelhos, labirintos e panteras, que ele mesmo confessa: “Antes de mais nada, não escolhi esses temas; esses temas é que me



escolheram”. ( Borges, 1986-p.31). Ele confessa também que há uma dúvida na escrita do seu poema “La Pantera” quando ele escreve “tigre” pode estar querendo dizer “leopardo” ou mesmo trapaceando para que o leitor perceba que é um tigre ligeiramente disfarçado:

Tras los fuertes barrotes la pantera  
Repetirá el monótono camino  
Que es ( pero no lo sabe) su destino  
De negra joya, aciaga y prisionera...

Son miles las que pasan y son miles  
Las que vuelvem, pero es una eterna  
La pantera fatal que em su caverna  
Traza la recta que um eterno Aquiles  
Traza em el sueño que há sonado el griego...

No sabe que hay praderas y montañas  
De ciervos cuyas trémulas entrañas  
Deleitarían su apetito ciego\*.

Borges comenta seu próprio poema assim: (1986, p.33):



“[...] aqui o animal é concebido como vivendo, simplesmente, esse momento. Digo: sem memória, sem previsão do futuro. Aqui a pantera está percorrendo a jaula para cima e para baixo, e esse é o destino, e a pantera não sabe disso, mas o leitor sim.[...] é a idéia de que os animais não tem tempo, de que o tempo é próprio dos homens e não dos animais.”

Através das narrativas dos mitos, como no Livro dos Seres Imaginários ou em seus poemas e contos, Borges parece nos dizer que há sempre a idéia da fatalidade, do tudo está prefixado, mesmo nos tempos mitológicos. E que o homem conhece a morte até a medula, que o homem tem a consciência da morte, como também a idéia do tempo, a idéia do eu que perdura e de todo o resto que muda. Ele diz: “ Agora essa certeza não pode ter sido baseada em razões, mas sim nesse gosto peculiar da morte, que a gente há de sentir e que sabe que é alguma coisa que nunca sentiu antes. Que não se pode comunicar, é claro, porque a gente só pode comunicar o que é partilhado pelo outro. As palavras pressupõem experiências compartilhadas; no caso da morte, ainda não.”( Borges, 1986-p.36).

Borges sempre nos leva as incertezas e certezas da vida, aos mitos e as lógicas, ao tempo e ao não tempo, as palavras e as não palavras, as coisas que nos pertencem ou não. Às vezes a um lugar estranho que não nos pertence, mas do qual se sente a nostalgia como se tivesse perdido, e assim podemos nos tornar apenas habitantes dessa aldeia do A Bao A Qu, que só se adquire vida através do outro, mesmo que seja apenas a lembrança do outro.



**\* Tradução do poema de Jorge Luis Borges ( 1986- p.32/33):**

“ Atrás das fortes barras a pantera / Repetirá o monótono caminho / Que é ( mas não o sabe) o seu destino / de negra jóia, aziaga e prisioneira...

São milhares as que passam e são milhares / As que voltam, mas é uma eterna / A pantera fatal que em sua caverna / Traça a reta que um eterno Aquiles / Traça no sonho que sonhou o grego...

Não sabe que há pradarias e montanhas / De cervos cujas trêmulas entranhas / Deleitariam seu apetite cego”.





### Referências:

BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio / Gaston Bachelard; tradução Antonio de Pádua Danesi – São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BORGES, Jorge Luis. **Sete noites**. São Paulo: Max Limonad Ltda., 1983.

\_\_\_\_\_. **Borges em diálogo**: conversas de Jorge Luis Borges com Osvaldo Ferrari; tradução Eliane Zagury. - Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

\_\_\_\_\_. **O livro dos seres imaginários/ Jorge Luis Borges e Margarita Guerreiro**; tradução Carmem Vera Cirne Lima; ilustração de Jussara Gruber. \_ Porto Alegre: Globo, 1981.

\_\_\_\_\_. **Elogio da Sombra;poemas**. Tradução Carlos Nejar e Alfredo Jacques. Perfís; um ensaio autobiográfico. Tradução de Maria da Glória Bordini. Porto Alegre: Globo, 1977.

CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos/ Italo Calvino; tradução de Nilson Moulin. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Enigmas da cultura**/ Edgard de Assis Carvalho. – São Paulo, Cortez, 2003.

LEIRIS, Michel. Espelho da Tauromaquia. – tradução Samuel Titan Jr. – São Paulo: Cosac Naify Edições, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70 Ltda., 2000.



NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. O Cabreiro tresmalhado: Ariano Suassuna e a universalidade da cultura / Maria Aparecida Lopes Nogueira. \_ São Paulo: Palas Athenas, 2002.



## **Fugindo da banalidade: o uso do Orkut como extensão da sala de aula.**

*Adriano Medeiros Costa*

*(PPGEd - UFRN) , orientando.*

*Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade*

*(PPGEd - UFRN) , orientador.*

### **Resumo:**

Este artigo pretende trazer uma contribuição para o campo educacional através de uma reflexão sobre as possibilidades e implicações do uso do site de comunidades virtuais (rede social on-line) Orkut como uma extensão da sala de aula, notadamente de debates. Sem que assim seja necessário ter que “escolarizar” a ferramenta. Com isso, busca-se lançar um olhar sobre o Orkut como uma ferramenta de extensão e de auxílio no processo de ensino-aprendizagem. Ajudando a difundir conceitos tão em voga como educação permanente, autonomia, iniciativa, colaboracionismo, “cultura livre” e respeito às diferenças. Lembrando que o “aprender” não se encerra nos espaços fora da sala de aula, ele não tem fim. Mas para isso é preciso conhecer os alunos, antes de estabelecermos



metodologias de ensino “virtuais” e nos preocuparmos em contextualizar o que queremos abordar de forma realista.

**Palavras-chave:** Orkut, comunidade virtual, debate, colaboracionismo, educação on-line.

## **I Introdução**

O presente artigo se destina a apresentar os resultados e as reflexões até agora obtidos por uma pesquisa de Mestrado que se encontra em andamento e visa discorrer sobre o uso do Orkut como uma extensão da sala de aula. Nesta pesquisa, utilizamos como referencial de análise a Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas, no sentido da importância que o filósofo dá ao cultivo do logos da troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos. Estabelecendo o diálogo.

O surgimento de diversos meios de comunicação no decorrer da História, sempre repercutiu na educação escolar, muitas vezes gerando debates e questionamentos



envolvendo pais, professores, educadores e outros membros da sociedade quanto ao acesso e utilização desses meios por parte dos estudantes.

A Internet, de inúmeras possibilidades pedagógicas, é o meio de comunicação que mais têm gerado debates nos últimos tempos pela sua inigualável abrangência global e participação coletiva. Para Pierre Lévy, a inteligência coletiva “é a capacidade através da Internet de trocar idéias, compartilhar informações e interesses comuns, criando comunidades e estimulando conexões”(1). Em outras palavras, a *web* tende a criar uma superinteligência coletiva que dará início a uma grande revolução humana. Em seu livro *Cibercultura*, Lévy afirma que “a direção mais promissora que por sinal traduz a perspectiva da inteligência coletiva no domínio educativo, é a aprendizagem cooperativa”(2). Lévy afirma que a Internet deve ser um espaço onde:

Os professores e os estudantes partilhem os recursos materiais e informacionais de que dispõem. Os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente tanto seus saberes 'disciplinares' como suas competências pedagógicas. A formação contínua dos professores é uma das aplicações mais evidentes dos métodos de aprendizagem aberta e a distância (LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, op. cit., p. 171).

A Internet é caótica por princípio. A questão que se coloca é como canalizar as buscas individuais por conhecimento, qualquer que seja ele, para a construção de um saber coletivo para o bem comum, onde também se possa explorar as possibilidades de inovação. No entanto, a interatividade é uma possibilidade muito antiga. Basta dizer que quando um leitor mandava uma carta para um jornal no século XIX, ele estava praticando a



interatividade. O próprio ato de trocar cartas é interativo. O que a tecnologia faz é facilitar os processos de interação. Isso tudo têm tornado o colaboracionismo uma tendência mundial.

A plataforma Moodle para a Educação a Distância, assim como o sistema operacional Linux, é desenvolvida de forma participativa por programadores ao redor do mundo. O MIT – Instituto de Tecnologia de Massachussets criou o OpenCourseWare. O qual tem a intenção de “proporcionar acesso fácil e grátis aos materiais de pesquisa relativos aos cursos do MIT para educadores de instituições sem fins lucrativos, estudantes e autodidatas do mundo todo” e “criar um modelo eficiente, baseado em padrões, que outras universidades possam copiar para publicar os materiais de seus próprios cursos.”<sup>1</sup> No Brasil, o Portal Universia, o qual oferece conteúdos e serviços a cinco segmentos da comunidade acadêmica (Pré-Universitários, Universitários, Pós-Universitários, Docentes e Gestores), oferece acesso gratuito à seleção de materiais dos cursos do MIT traduzindo-os para o português.

A popularização dos sites de comunidades virtuais como o Orkut, bem como o advento de projetos colaborativos como o YouTube (3), Blogs, Wikipédia, o *Creative Commons* (4) e a legendagem de filmes (“baixados” muitas vezes ilegalmente da Internet). Muitos jovens já aderiram a prática de fazer o *download* e a distribuição de filmes pela Internet. Fazem também a tradução e as legendas, que são revisadas coletivamente por eles mesmos. Muitas vezes isso tudo é feito e disponibilizado antes mesmo de sequer o filme

---

<sup>1</sup> Fonte: <http://www.universiabrasil.net/mit/sobreocw.jsp>



estrear nos cinemas no país. Essas e outras iniciativas altruístas reforçam as idéias de Lévy sobre inteligência coletiva.

Realmente, um de nossos maiores desafios é pensar a Internet do ponto de vista social e não apenas do ponto de vista do deslumbre puramente tecnológico. Afinal, como diz Arnon de Andrade:

Novas tecnologias para a educação do homem: não o homem “média estatística” ou o homem da elite, mas o homem brasileiro, o cidadão do povo que freqüenta a escola pública e com quem o Estado tem uma dívida de quatrocentos anos.(ANDRADE, 1993)

A tecnologia educacional, não se resume em utilizar meios, vai além disso. Seu papel é de instrumento mediador do saber, o saber ser e o saber fazer entre o educador educando e o mundo, ou seja uma ferramenta que possibilite a todos redescobrir e reconstruir o conhecimento e sobretudo evitar que as inovações tecnológicas produzam uma nova exclusão que sirva ao agravamento das relações de poder entre as classes sociais. Assim, pensa Arnon de Andrade:

Não é incomum, encontrar textos proféticos sobre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação que incluem o apocalipse para as escolas tradicionais ou para os incautos que não aderiram incondicionalmente às máquinas. MacLuhan e Pierre Levy são quase sempre inspiradores desses discursos demiurgos que, acima da realidade social, falam de uma educação do homem, esse ser estatístico, personagem de uma história apenas natural. Talvez a escala no pensamento de MacLuhan, que procura compreender um período muito longo da história humana- da aldeia primitiva até os nossos dias e de Pierre Levy que abarca da escrita à Internet, justifique nos seus textos, essa perda, do detalhe que caracteriza a personagem da História e que é indispensável quando pensamos o aqui e agora e quando propomos soluções



para os problemas que estamos vivendo. Quando se diz que os meios de comunicação são extensões do homem, me vêm sempre as perguntas: que homem? ele é preto ou branco? é macho ou fêmea? que idade ele tem? de que classe social ele é? em que país ele vive?... (ANDRADE)

A Internet é a convergência entre a escrita, a imagem fixa, o vídeo e a comunicação por telefone que faz da *web* um novo espaço de desenvolvimento e interação, e mesmo um novo paradigma.

O nascimento das novas mídias aumentou a capacidade de participação, manifestação e expressão dos cidadãos. A Internet, em plena expansão, representa um formidável instrumento de comunicação e informação capaz de ligar os indivíduos do mundo inteiro em torno de temas tão variados como a literatura, a arqueologia, a jardinagem ou o cotidiano de pequenos municípios. Além disso, de acordo com o que propõe os estudiosos da história das mentalidades, a história também é constituída pelas memórias das pessoas anônimas. Afinal, a História sempre é escrita através das estórias individuais. Para Pierre Lévy:

É necessário compreender o crescimento da Internet como o prosseguimento do nascimento e da extensão da esfera pública que se manifestou com o desenvolvimento sucessivo da imprensa, do rádio e da televisão. O conjunto da sociedade se tornou um pouco mais visível, mais transparente, e sobretudo um número maior de pessoas puderam exprimir seus pontos de vista. A Internet permite hoje que milhões de pessoas se dirijam a um vasto público internacional - pessoas que não teriam podido publicar suas idéias nas mídias clássicas como a edição em papel, nos jornais ou em televisão (LÉVY, Pierre). (5).





Como lembra Paulo Freire é preciso oferecer “resistência ao descaso ofensivo de que os miseráveis são objeto. No fundo, as resistências - a orgânica e/ou a cultural - são ‘manhas’ necessárias à sobrevivência física e cultural dos oprimidos.” (6)

Para Paulo Freire a apropriação social do conhecimento é de fundamental importância no sentido de que:

O diálogo em que se vai desafiando o grupo popular a pensar sua história social como a experiência igualmente social de seus membros, vai revelando a necessidade de superar certos saberes que, desnudados, vão mostrando sua 'incompetência' para explicar os fatos (FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p. 81).

Além disso tudo, como informa Pierre Lévy, a Internet dá novas competências aos professores e possibilita que:

As últimas informações atualizadas tornem-se fácil e diretamente acessíveis através dos bancos de dados online e da *World Wide Web*. [...] A partir daí, a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. (LÉVY, Pierre). (7)

E o professor tem um papel primordial no auxílio ao aluno quanto ao acesso e a utilização da tecnologia. Como nos diz Paulo Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando,



reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p. 29).

É importante notar que tanto Pierre Lévy quanto Paulo Freire têm pensamentos convergentes sobre qual deve ser o papel do professor. Dentro de sua visão de aprendizagem cooperativa; Lévy diz que o papel do professor, observando os novos meios virtuais de educação, deve ser o de "um animador da inteligência coletiva da turma" (8). Enquanto isso, Freire nos fala de um professor como "animador de debates"(9).

Em *A Galáxia da Internet*, Manuel Castells escreve que a Internet é, acima de tudo, uma criação cultural (CASTELLS, 2003:32). Assim, não podemos menosprezar algum tipo de impacto sócio-cultural que esteja sendo gestado. Se os sistemas tecnológicos são produzidos em sociedade, o fruto dessa produção é um produto cultural e a Internet não é exceção. Uma vez que a cultura da Internet é a cultura dos criadores da Internet (p.34). A rede, segundo ele, é a mensagem. Esse novo contexto nos diz algo e muda a forma como percebemos o mundo.

Além de poder reforçar laços sociais já existentes, facilitando a manutenção do contato entre pessoas que estão geograficamente distantes, a rede também pode ser um laboratório de experimentação identitária. Porém, Castells nos alerta que não é a ferramenta em si que irá nos tornar pessoas mais sociáveis. Tendemos a manter nosso padrão de comportamento na rede, se somos anti-sociais, permaneceremos anti-sociais na rede. No entanto, o sentido da rede é a comunicação entre pessoas. Segundo ele, o e-mail



representa mais de 85% do uso da Internet. Castells compreende a geografia da Internet sob três perspectivas: sua geografia técnica, a distribuição espacial de seus usuários e a geografia econômica da produção da Internet. (cf. CASTELLS, 2003:171).

Para Castells, o mundo contemporâneo vive a crise do patriarcalismo, a descrença política, o fim do moralismo, a ética utilitária, a desestruturação da família nuclear, a urbanização, o materialismo simbólico e o consumo desmedido. Esse é o retrato do individualismo contemporâneo. A rede reflete a sociedade e nela vemos que o individualismo também funciona em rede.

Em nossa sociedade, a arquitetura das relações em redes se distingue por ser uma nova forma de relações distribuídas e conectadas numa teia dinâmica e descentralizada, baseada na colaboração entre os envolvidos. Algo muito diferente do velho modelo de relações hierarquizadas. Pois, para Lévy “uma Comunidade Virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.” (Lévy, 2000, p.127)

## **II Orkut**

Uma constatação sobre como se mantêm as relações em rede é a teoria dos seis graus de separação, a qual foi desenvolvida pelo pesquisador Stanley Milgram (10) e diz que todas as pessoas no mundo podem ser conectadas a qualquer outra por uma rede de no



máximo seis intermediários. Pesquisas mostram que essa teoria pode ajudar a nos esclarecer quanto a epidemias, modas culturais, comportamento dos mercados de ações e organizações que sobrevivem a mudanças. Essa teoria também é provada pelo Orkut.

Um exemplo de rede social, nesses termos, mas virtual, é o Orkut. O Orkut é um site de comunidades virtuais filiada ao Google, criada em 22 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado do turco Orkut Büyükkökten (<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=325082930226142255>), projetista chefe e engenheiro do Google.

O fenômeno Orkut, como rede social, pode ser dividido de duas formas: não só no que diz respeito as suas *implicações*, mas também no que concernem as suas *áreas de uso e impacto*. As áreas de implicações podem ser divididas em culturais, éticas, estéticas, econômicas, sociais, legais e políticas. Já os fatores de uso e de impacto desta rede social estão presentes nas áreas de política, tecnologia (notadamente a área de suporte), comunicação, entretenimento, comércio e educação. É nesta última área, a da educação, que nos deteremos ao longo deste trabalho. Tendo em vista que a proposta aqui a ser apresentada é o uso do Orkut como uma extensão da sala de aula.

Quanto à participação, o Orkut tem três vertentes a ser exploradas por seus participantes: pessoal, lúdica e pedagógica. Assim sendo, é a vertente pedagógica aquela que nos move aqui neste trabalho.



De certa forma, o Orkut representa a evolução de ambientes como o *usenet* (ou *newsgroups*) que permitem enviar mensagens que ficam afixadas em verdadeiros murais divididos por assunto. Depois vieram as listas de discussão que deram uma outra dimensão ao uso do e-mail, que até então era mais utilizado para comunicar do que para debater, com um ponto a seu favor: a convivência, já que as mensagens iam até o participante, e não o inverso.

No geral, a idéia de comunidade relacionada ao senso comum é ampla, diversificada e um tanto imprecisa. Que vai de pessoas que interagem face a face, com comportamentos parecidos, interesses e identidades comuns e que compartilham valores, mesmo que informalmente. Ainda segundo Castells, o entendimento do fenômeno das comunidades virtuais estaria intimamente associado a este amplo conceito de comunidade.

Nas comunidades do Orkut existem duas áreas de interação: o fórum e os eventos. O fórum funciona, de forma não síncrona, por meio de tópicos. Uma pessoa elabora um assunto, com um título e um texto e permite que outros possam lê-lo e deixar alguma mensagem. Os eventos normalmente comunicam algum acontecimento. Neles não se permite a interação que há no fórum. Sobre este aspecto, não se pode esquecer que mesmo sendo importantes, os recursos tecnológicos não podem ser confundidos com a própria comunidade virtual.

Há várias formas de nos referirmos a ferramenta Orkut (e seus similares) – rede social, comunidade de relacionamento, rede *online*. Mas a forma menos redundante e por isso a mais correta é “site de comunidades virtuais”, ou até mesmo, “comunidade virtual”



no sentido amplo da expressão. Quando falamos “comunidade virtual”, está implícito que ela é uma comunidade “*online*”, porque é virtual. É uma “rede” e é “social”, porque é uma “comunidade”. E finalmente é de “relacionamento” porque é uma “comunidade”. É importante que na definição estejam implícitos dois aspectos: a ferramenta é participativa e está na internet. Além disso, o termo “comunidade virtual”, favorecendo a construção do conhecimento para o bem comum, é conotativamente mais adequado a experiência de troca de saberes do que a expressão “sala de aula virtual”, muito usual na Educação a Distância.

Nesta pesquisa, nos concentraremos apenas sobre os aspectos do site de comunidades virtuais Orkut, por alguns aspectos a saber:

O universo dos sites de comunidades virtuais é extremamente abrangente. Vai desde comunidades destinadas a namoro (algumas das quais destinadas a uma etnia específica ou classe social), passando pelas destinadas a compartilhamento apenas de fotos ou de áudio, as que atendem ao público homossexual, a profissões específicas ou estudantes de uma determinada faixa etária e etc. Um pagas outras gratuitas. Em algumas para entrar, se precisa de convite de quem já é membro, como é o caso do Orkut, outras permite a qualquer usuário fazer o seu cadastro de ingresso instantâneo. Isso tudo, nos obriga a nos concentrar no estudo das potencialidades pedagógicas de apenas uma;

Atualmente o Orkut é o site de comunidades virtuais mais popular em número de usuários. E por assim ser, é o site que tem a interface mais conhecida. Ao todo, mais de 16 milhões de pessoas possuem perfil no Orkut. Desses, 69,65% são brasileiras.



Originalmente em inglês, essa predominância brasileira fez com que a primeira língua estrangeira a ser traduzida a interface do Orkut fosse para o português; (11)

A interface do Orkut é leve e intuitiva. Essa característica, somada a da popularidade praticamente diminui a necessidade de promover um curso sobre o funcionamento do ambiente;

O podemos perceber que o design do Orkut prioriza tanto as relações pessoais dos seus membros, quanto as informações trocadas nas inúmeras comunidades temáticas criadas pelos usuários. É nelas que, predominantemente, as trocas de saberes se desenvolvem.

### **III O Orkut como extensão da sala de aula**

A invasão do cotidiano pela internet potencializada pelos *softwares* educativos, sites especializados, enciclopédias virtuais, blogs e Orkut, nos obriga a repensar a relação histórica entre oralidade, memória, aprendizado e suportes da escrita. Mas, o problema da Educação *on-line*, não está nas possibilidades tecnológicas, mas sim nas possibilidades pedagógicas. Devido a limitações das ferramentas disponíveis até o momento, não há muita possibilidade de usar as comunidades do Orkut para a Educação a Distância, mas apenas como complemento. Contudo, para isso, precisamos dominar o processo de formação das comunidades e evitar que nos centremos sempre no material e nos meios



técnicos. Caso contrário, iremos chegar a uma das maiores problemáticas da EaD que é a evasão.

Mas há um paradoxo no que concerne os sites de comunidades virtuais, porque no caso particular do Orkut, ao mesmo tempo que ele fomenta o individualismo, como nos diz Castells, ao estipular que cada um de nós descreva em minúcias a si mesmo, inclua ou exclua amigos virtuais ou reais, aceite ou rejeite quem peça inclusão em comunidades (no caso das moderadas) criada por nós. Este espaço tem servido ao impulso de ações coletivas deliberadas e participação política através de comunidades temáticas.

No Orkut, as pessoas podem entrar em comunidades, surgidas a partir da iniciativa de um agente articulador, que funcionam como fóruns de interesses comuns. Por exemplo: se alguém gosta de Vinícius de Moraes, pode entrar em uma comunidade com o nome “Poesias de Vinícius de Moraes” ou “Eu amo Vinícius de Moraes”. Outras pessoas podem participar dessa comunidade também e assim poderão discutir sobre o assunto em especial (não obrigatoriamente). Também se pode pedir que alguém forneça o texto de uma poesia a qual não estamos tendo acesso, pode-se também tirar dúvidas de língua portuguesa ou estrangeira nas comunidades dedicadas a elas. Em uma rede de solidariedade, também se pode pedir que alguém, assinante de uma revista impressa, acesse o site desta revista com sua senha e *login* pessoais e poste na comunidade o texto que estamos procurando e ao qual não temos acesso, em um gesto de socialização da informação e altruísmo *on-line*. Enfim, através da rede social formada por um site de comunidades virtuais, se pode ter acesso, via comunidades, a pessoas envolvidas nas mais





diferentes áreas que vão de culinária a Engenharia Espacial. Portanto, há um campo fértil de debate e argumentação a ser explorado.

Quando falamos em comunidade, é como se disséssemos “Eu sou a partir do conhecimento do outro”. Mas, os membros não podem ser um grupo muito grande, afinal é impossível haver interatividade entre muitas pessoas. A grande vantagem do grande número de membros em uma comunidade virtual é a frequência com que esta é atualizada em termos de intervenções. Por isso, pode-se dizer que a dinamicidade em uma comunidade virtual vai depender da motivação, envolvimento e interesse dos membros pelos temas tratados e disponibilidade dos sujeitos envolvidos em participar dos debates, inclusive com proposições. Além disso, é importante ter um domínio técnico mínimo do ambiente.

A idéia aqui não é a de usar uma comunidade do Orkut para dar cursos a distância tal e qual se faz com uma plataforma de EaD, até porque atualmente há limitações técnicas no próprio site que não permite o uso dele para este fim. O objetivo é promover a interação entre professor e alunos numa comunidade que favoreça o debate e a troca de idéias. Em suma: o diálogo instrutivo, mesmo que informal e aproveitando-se do que por nós é considerado “informal” para o aprendizado. Algo que possa ser inserido no cotidiano dos alunos, sem muitas vezes as características opressivas da formalidade reproduzidas em experiências similares e usando outros meios. Participar de comunidades temáticas, como no caso do Orkut, é desenvolver o aprendizado de forma espontânea pela convivência. Ante o exposto, entendemos aqui o Orkut como uma ferramenta para acrescentar as aulas



dadas presencialmente na escola e não para substituí-las. Assim sendo, neste trabalho, a discussão é orientada não pela perspectiva de encontrar na Internet versões eletrônicas de aulas centradas no professor, mas opções de aulas que, baseadas no paradigma da construção coletiva do conhecimento e publicadas na Internet, se apresentam como possíveis caminhos para a construção do conhecimento por alunos e professores.

Inclusive, a primeira comunidade criada no Orkut, pelo próprio Orkut Büyükkökten foi a comunidade da Universidade de Stanford (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1>), onde ele atualmente faz pós-doutorado em ciências da Computação.

Em instantes um professor pode abrir gratuitamente uma comunidade para discutir com seus alunos questões relacionadas a sua disciplina ou um tema específico sugerido. Para criar uma comunidade basta preencher um pequeno cadastro sobre a temática que se pretende abordar na comunidade. Depois disso, ela estará pronta para usar imediatamente. E podem ser levadas em conta pelo professor a utilização de algumas práticas pedagógicas como contextualização, interdisciplinaridade e temas transversais.

Durante o processo de criação da comunidade, o professor pode, inclusive, restringir a publicação de textos apenas por seus alunos. A comunidade funcionaria como um grupo de estudos virtual, uma educação pelo debate. Não intimidatória. Afinal, um site de comunidades virtuais, tal e qual o Orkut, traz convivência, que resulta em discussão que por sua vez gera aprendizagem.



No Orkut o conteúdo é aberto, inclusive para os não membros. Mas para postar uma intervenção (anônima ou não), um usuário tem obrigatoriamente que ingressar na comunidade que pode ser de ingresso automático ou não. Quem decide é o “dono” da comunidade, isto é, o moderador. Mas o mais interessante, é que ao formarem uma “comunidade”, esses membros (alunos e professores) não precisam se fechar ao contato com a “grande comunidade”, representada pelo site Orkut com seus demais membros e comunidades. Desta forma, caso seja necessário, é possível entrar imediatamente em contato por exemplo, como um médico, ator, biólogo ou jornalista. Bastando para isso que os alunos busquem uma comunidade dedicada a uma dessas categorias profissionais. Onde os alunos poderão entrar em contato com um deles. Tudo obedecendo ao princípio de que tudo está em rede.

Já nas plataformas tradicionais de EaD, os debates entre os membros acontecem apenas internamente dentro de cada curso, de forma independente, e não em rede como nas comunidades virtuais. Por exemplo, ao criar no Orkut uma comunidade sobre sua disciplina (Língua Portuguesa, por exemplo) um professor pode relaciona-la a uma comunidade já existente sobre Pierre Lévy (a qual ficará bem visível no canto interior direito de sua comunidade). Normalmente, mas nem sempre, as comunidades relacionadas são de temáticas similares. Ao entrar numa comunidade sobre Lévy (por exemplo, <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=678337>), os usuários sendo eles alunos ou não, vão clique após clique paulatinamente descobrindo comunidades dedicadas e relacionadas referentes a respectivamente Edgar Morin, Michel Foucault, Jean Baudrillard,



Louise Bourgeois e assim por diante. Das quais fazem parte pessoas interessadas nesses autores e que potencialmente podem servir como interlocutores, gerando um projeto interdisciplinar. Dessa forma, ao mesmo tempo em que os debates via Orkut podem funcionar como extensão da sala de aula para professores e alunos, também podem funcionar como extensão do conhecimento universitário à sociedade em geral.

A grande vantagem em se participar de um site de comunidades virtuais tal e qual o Orkut, em relação aos blogs, aos fóruns tradicionais e as listas de e-mails (*mailing list*), é a possibilidade de se estar em rede, o que favorece a algo que poderíamos chamar de “convivência à distância”, tão útil para a construção do saber. O advento dos blogs foi uma revolução, por possibilitar a imediatividade da publicação on-line, sem que seja necessário conhecimentos de edição e linguagem HTML, mas não estão em rede são limitados pelo caráter fortemente cronológico deles, um resquício da função para o qual ele nasceu: ser um diário virtual. Quanto às listas de e-mail, através das quais até hoje amadoristicamente se costuma mandar o mesmo e-mail para mais de uma pessoa, não é preciso dizer que ao longo da vida uma pessoa muda constantemente de conta de e-mail, seja porque descobriu um provedor de e-mail que oferece mais espaço gratuitamente, seja porque mudou de provedor de internet, seja porque ingressou numa empresa privada ou instituição pública e passou a utilizar uma conta de e-mail oferecida pelo empregador. Por isso tudo, quem utiliza uma lista e e-mails como forma de contato sabe que ela precisa o tempo todo ser atualizada, sob o risco de perder contato com quem trocou de conta de e-mail.



O ideal do Orkut enquanto ferramenta de aprendizagem é que as pessoas o utilizem para aprender em um ambiente que *a priori* é de lazer. Não se sentindo pressionadas a criar. Porque participar significa fazer-se parte. E é em um espaço de expressão desta vontade que podemos optar por participar. Sendo assim, as comunidades também podem ter o propósito de gerar criações coletivas como contos ou roteiros. Feitas pelos alunos e moderadas pelo professor, em busca da construção coletiva de novos saberes. Pois a riqueza das comunidades virtuais está no aspecto colaborativo sob a luz das trocas estabelecidas. Dessa forma, podemos dizer que as intervenções realizadas não é um trabalho intelectual sem autor, mas sim “de autores”. Mas para isso, seria preciso planejar uma disciplina utilizando estes recursos e analisar os resultados, com amostragem estatística dos resultados alcançados.

O interessante de um trabalho como esse é a experimentação e o incentivo a mudança de valores, pois o que importaria seria a ação comunitária e sua interatividade, não a autoria dela. Afinal, pode-se dizer que é o desejo de cada indivíduo se associar em sociedade, mas sem se subordinar, cada um decide por si só, mas aprende com os outros. Pois uma comunidade virtual é um espaço onde se aprende a ser, conhecer, fazer e, sobretudo, a viver junto. Assim sendo, um grupo de alunos trocando conhecimento o tempo todo (e até com outros grupos) terá mais sucesso do que um grupo de alunos fechados no seu grupo em si.

Por isso tudo, vemos que o um professor pode sim fazer uso das comunidades virtuais como extensão da sala de aula em qualquer horário e em qualquer lugar para



aprofundar o debate sobre temas contemporâneos, complementar a bibliografia sugerida, mediar as discussões, aprofundar os temas, sintetizar as idéias e levar o aluno a cooperar de forma ativa no esforço da busca pelo conhecimento. O professor ainda pode optar em abrir apenas uma comunidade referente à sua disciplina, onde seriam convidados a participar seus alunos no decorrer de todos os anos letivos ou semestres ou abrir uma comunidade para cada turma de alunos, e sendo assim, relacionar as comunidades anteriores à estrutura da atual. Em outros casos o professor poderia agregar os alunos da mesma disciplina que ele ministra em mais de uma instituição. Em qualquer um dos casos, seus alunos, não importando em que período tenham cursado a disciplina, poderá entrar em contato, em rede, com o que foi debatido e produzido em anos anteriores. Tudo isso estando acessível em caráter permanente. Disso, para professores e alunos poderia surgir ainda informações complementares que vão desde a possibilidade de retro alimentação do processo avaliativo a aferição das mudanças de opinião pública dentro do processo histórico. Por exemplo, será que a opinião dos jovens hoje sobre o uso da maconha ou da legalização da eutanásia será a mesma de seus colegas congêneres daqui há dez anos? Que mudanças houve no tipo de língua portuguesa usadas pelos jovens nas conversas on-line, no decorrer desse tempo? No futuro, os ainda alunos poderiam ver que temáticas eram polêmicas nos debates travados no passado e que na atualidade deles já é consenso. Sendo assim, cada aluno poderia aprofundar a perspectiva de si mesmo como um sujeito histórico, social e ter a oportunidade de travar diálogo com os que o antecederam. Tudo em rede.



Hoje, os sites de comunidades virtuais, notadamente o Orkut, têm sido alvo das mais variadas críticas, entre elas a de veicular muito lixo e atividades não só ilegais como também antiéticas, tais quais pedofilia, neonazismo e a venda de drogas. Por isso, há quem não veja aplicação pedagógica desse instrumento entre os alunos. Inclusive, chegando ao ponto de tomar medidas preventivas como a colocação de filtros na rede de computadores da instituição de ensino. Mas esses críticos se esquecem de que essa crítica pode ser aplicada a qualquer outro meio de informação. E se, a exemplo das comunidades virtuais, podemos nos inserir onde vários pontos de vista podem se confrontar, mais garantias temos de que não seremos manipulados. A questão que se apresenta é: ao censurar o Orkut, ou qualquer outro site de comunidades virtuais, a instituição de ensino não estaria deixando vazio um espaço de discussão sobre temas que os estudantes se deparam e cada vez mais se depararão em seu dia-a-dia?

Não se pode esquecer que para usar o Orkut como extensão da sala de aula, não é preciso abdicar do Orkut ao que ele mesmo por princípio propõe: uma rede social on-line que conecta pessoas através de uma rede de amigos e de pessoas que têm os mesmos interesses. É possível estabelecer uma sinergia construtiva entre os campos educacional e social. Afinal, nós somos seres contextualizados dentro de realidades específicas. Somos seres historizados.

De qualquer forma, aqui não falamos em “escolarizar” o Orkut, mas sim inseri-lo na educação como forma de ultrapassar os limites escolares. Um auxílio à educação permanente e continuada. Afinal, o “aprender” não se encerra nos espaços fora da sala de



aula, ele não tem fim. Mas para isso é preciso conhecer os alunos, antes de estabelecermos metodologias de ensino “virtuais” e nos preocuparmos em contextualizar o que queremos abordar de forma realista. De forma a auxiliar os discentes na formação de valores, importantes para a formação de um cidadão crítico e capaz de fazer escolhas e de entender que o domínio técnico nas novas tecnologias deve sempre vir acompanhado de uma visão histórica e social.





### Notas:

- (1) LÉVY, Pierre. Estamos todos conectados, revista Nova Escola, nº 164, ano XVIII, São Paulo: Editora Abril, 24.
- (2) LÉVY, Pierre. Cibercultura, 2ª edição, coleção Trans, São Paulo: Editora 34, 2000, p. 171
- (3) No ar desde fevereiro de 2005, o YouTube é um serviço em que os usuários podem gratuitamente ver, compartilhar e comentar vídeos, sejam amadores ou profissionais. Já foi acessado por mais de 15 milhões de pessoas pelo mundo (dados de Veja, edição 1959, ano 39, nº 22, 7 de junho de 2006).
- (4) O *Creative Commons* o conceito adotado por quem disponibiliza licenças flexíveis para obras intelectuais. Partindo da idéia de "todos os direitos reservados" do direito autoral tradicional é recriada para transformá-la em "alguns direitos reservados".
- (5) LÉVY, Pierre. Educação contra a exclusão digital, Jornal do Brasil, Informática, 26 de agosto de 2002, Rio de Janeiro, p. 7
- (6) FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia, coleção leitura, 29ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 78.
- (7) LÉVY, Pierre. Cibercultura, op. cit.
- (8) LÉVY, Pierre. Estamos todos conectados, op. cit, p. 24
- (9) FREIRE, Paulo. A lógica do encantamento, Fórum, nº 11, São Paulo: Editora Publisher Brasil, 2003, p. 12.



(10)LIMA, Alessandro Barbosa. Social Networks: uma nova onda?. Disponível em: <http://informatica.terra.com.br/interna/0,,OI276694-EI1684,00.html>. Acessado em 19 de maio de 2006.

(11)Orkut. <http://www.orkut.com/MembersAll.aspx>.

[http://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_networking\\_websites](http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_networking_websites). Acessado em 1 de junho de 2006

### **Bibliografia:**

ANDRADE, Arnon de. **Conceito de tecnologia educacional**. Disponível em: [www.educ.ufrn.br/arnon](http://www.educ.ufrn.br/arnon). Acessado em: 10 de setembro de 2005.

ANDRADE, Arnon de. **Novas tecnologias?** XXV SBTE - Artigo referente ao Painel "Processando a Comunicando a Informação: novas tecnologias para a Educação do Homem". Tecnologia Educacional - v. 22 (113/114) Jul./Out. 1993. Disponível em: [www.educ.ufrn.br/arnon](http://www.educ.ufrn.br/arnon). Acessado em: 5 de setembro de 2005.

ANDRADE, Arnon de. **Novas Tecnologias e Educação**. Texto apresentado no XVI Epen - Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, na mesa redonda "Novas



Tecnologias e Educação”, Aracajú: junho de 2003. Disponível em: [www.educ.ufrn.br/arnon](http://www.educ.ufrn.br/arnon). Acessado em: 9 de setembro de 2005.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 4ª edição. volume I (A era da informação: economia, sociedade e cultura). São Paulo: Editora Paz e Terra. 2000.

COSTA, Adriano Medeiros. **Barcelona virtual: nunca foi tão fácil para um pequeno município se informar sobre si mesmo e de acordo com sua própria cultura**, monografia (Bacharelado em Comunicação Social/ habilitação em Jornalismo), Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

CYSNEIROS, Paulo G. **Novas Tecnologias no Cotidiano da Escola**. 23ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, MG, 24 a 28 de Setembro de 2000. Disponível em: [http://educacaoonline.pro.br/art\\_as\\_novas\\_tecnologias.asp?f\\_id\\_artigo=422#\\_ftn1](http://educacaoonline.pro.br/art_as_novas_tecnologias.asp?f_id_artigo=422#_ftn1).

Acessado em: 25 de agosto de 2005.

DANIEL, Aurélio. **Segredos do Orkut**. 1ª edição. São Paulo: Digerati Books, 2004.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação, um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. 8ª edição. São Paulo: Cortez Editora – MEC – Unesco. 2003

FOSNOT, Catherine Twomey (Org.). **Construtivismo: teoria, perspectivas e prática pedagógica**. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed.1998.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**, coleção leitura, 29ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 37ª Edição, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**, coleção Trans, 1ª edição, São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**, coleção Trans, 2ª edição, São Paulo: Editora 34, 2000.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**, coleção Trans, 1ª edição, São Paulo: Editora 34, 1999.

**Museu da pessoa**. Disponível em: [www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net). Acessado em: 27 de abril de 2006.

**Orkut**. Disponível em: [www.orkut.com](http://www.orkut.com). Acessado em: 5 de maio de 2006.

Palloff, Rena M e PRATT, Keith. Definindo e redefinindo a comunidade. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**, trad. Vinícius Figueira, Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, Marcos (Org.). **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003.

TELLES, André. **Orkut.com**. São Paulo: Editora Landscape, 2006



## **Cliques modernos: reflexos do mundo virtual**

Zoraia da Silva Assunção

*(Mestre em Educação pela UFRN)*

### **Resumo**

O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “A Internet como tecnointeração da aprendizagem: valorização da cultura e identidade juvenis”, um estudo que investiga a *Internet* enquanto tecnointeração no ambiente escolar, como recurso do processo ensino-aprendizagem. Objetiva discutir os descompassos entre a proposta de acesso educacional para a utilização da *Internet* e a ritualidade de acesso e interação dos jovens. Remete-se a uma pesquisa de cunho qualitativo, descritivo-explicativa, realizada com adolescentes entre 11 e 17 anos de idade, numa escola confessionária da rede particular de ensino na cidade do Natal/RN. Emprega como opção metodológica o grupo focal, a observação participante, a análise do discurso e a etnografia, considerando os fatos e os dados da prática pedagógica relativa ao tema em foco, além da tentativa de conhecer o cotidiano dos jovens matriculados na escola, relacionando-o com as culturas juvenis. Discute no contato com os jovens os conceitos de Ambientes Midiáticos, Cultura e Identidade, Redes, Consumo e Cidadania. Reconhece a importância da escola considerar a



*Internet* como ferramenta pedagógica, voltada não apenas para a pesquisa, mas principalmente como ambiente de aprendizagem e construção de conhecimento em regime colaborativo. Aponta a necessidade de aproximação entre escola e ambiente midiático, redimensionando a prática pedagógica e sugere uma renovação na postura do professor em relação à sua prática educativa em sala de aula e na utilização da *Internet*, valorizando a junção entre tecnointeração e comunicação, como elementos motivadores da construção do conhecimento pelos alunos e de participação plena nas decisões cidadãs.

**Palavras-Chave:** Cliques modernos, Mundo virtual, Ensino e aprendizagem

## **RETROSPECTIVA: INÍCIO DA RITUALIDADE DOS JOVENS PARA O USO DA *INTERNET***

Em 1995, houve a implantação da Informática Educacional na maioria das escolas da rede particular de ensino na cidade do Natal / RN. O início da ritualidade no uso da Informática Educacional aconteceu a partir da utilização do laboratório de Informática em uma hora/aula semanal, na disciplina de Língua Portuguesa.

Em 1998, veio os incentivos do governo por meio do projeto de lei que institui o "Plano Nacional de Educação" e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, como uma motivação para ampliar o uso dos recursos nas demais disciplinas curriculares das



escolas, que já haviam implantado o uso do laboratório para enriquecer o ensino e conseqüentemente favorecer a aprendizagem nas escolas do nível básico.

Em 2000, aconteceu uma euforia pela proximidade do século XXI, com novos investimentos e expectativas para a Era da Informação e do Conhecimento. A escola assume seu Projeto de Informática Educacional para atender as novas exigências na sociedade contemporânea.

Durante quatro anos, o uso do laboratório se restringiu ao acesso da *Internet* para as pesquisas curriculares. Enquanto isso, os jovens em suas residências, em seus tempos “livres”, desenvolviam outros usos e acessos na rede mundial, que favoreciam o entretenimento, comunicação e publicação de suas imagens criando um descompasso entre aquilo que os alunos usam e o que os educadores propõem para o uso da *Internet* em ambiente escolar.

## **A CULTURA CONTEMPORÂNEA DOS JOVENS**

A quantidade de informações as quais os jovens se submetem, no ambiente midiático, explica a busca compulsiva por novidade, algo típico da fase. Dos 13 aos 20 anos, o ser humano estabelece o raciocínio lógico e se torna apto a relacionar informações. Procura conhecer o máximo para construir seu banco de dados (informações). Além disso, eles não gostam de perder tempo; que se configura como a maior diferença entre as gerações, porque se antes o mundo exterior era a mais importante fonte de experiência,



hoje a juventude prefere consumir o mundo pelas telas: da TV ou do computador. Face ao exposto, Feixa (2006, p. 98) afirma que,

Nos últimos anos, o quarto dos adolescentes regressou ao primeiro plano da cultura juvenil, experimentando uma grande metamorfose. Como resultado da emergência da cultura digital (...) a comunicação interpessoal se tornou possível a partir do próprio espaço privado: do telefone familiar, controlado pelos pais e localizado na sala de refeições ou no corredor, passou-se para o telefone celular personalizado, que se pode usar no quarto; da comunicação escrita por carta se passou para comunicação digital SMS, *e-mail* ou *chat*. Graças à Internet, os adolescentes ascendem a comunidades virtuais que estão muito além de seus quartos.

Cabe ressaltar, que os jovens expressam a grande satisfação que têm em produzir imagens e fotografar, divulgando-as imediatamente à sua produção em ambientes virtuais como o *orkut*, o *fotolog*, periodicamente. Essa atitude mostra a ritualidade do jovem não só em fotografar, mas principalmente em publicar, expondo suas imagens em comunidades que favorece o consumo, a socialização e a aceitação por meio de comentários sobre a exibição. Segundo Gómez (2006, p. 96),

O quarto em que se usa o computador e/ou se vê televisão se torna o cenário de várias vivências e experiências; embora sejam vicárias e virtuais, transformam-se em “lições” para a vida. O que se aprende aí resulta muitas vezes mais relevantes do que aquilo que se aprende em instituições educativas formais.(...) Outra faceta da mudança diz respeito às fontes legitimadoras das aprendizagens. Antes, o livro que o professor trabalhava na sala de aula tinha a “última palavra”. Agora, a última imagem está na tela e a última palavra quem tem são os sujeitos-audiência, e seus olhos: “Se vejo na tela, acredito, é verídico; se não vejo, posso duvidar e desconfiar”. A visão, então, torna-se legitimadora do que passa por ela, sem se importar se isso é verídico, valioso,





inteligível, estruturado ou simplesmente banal, falso, manipulador ou distorcido enquanto produto necessário de representações.

Nesse aspecto, de sujeitos-audiência, os jovens também são influenciados e estão cada vez mais valorizando a imagem. Assim, eles começaram a “produzir” suas fotos ou fotos registros do seu contexto social, feitas por meio das máquinas digitais e celulares para publicá-las em suas comunidades sociais – *orkut*; uma forma de manter sua exposição atualizada, como espetáculo como produto de representações da vida em movimento, em constantes atualizações, novidades quase que diariamente. Nessa perspectiva, Vilches (2006, p. 158) comenta que,

A migração da fotografia analógica para a digital supõe uma verdadeira revolução do tempo de recepção, que tem efeitos diretos sobre uma nova concepção do valor de uma imagem. A incorporação das tecnologias digitais supõe a passagem da relação temporal da fotografia com a realidade a uma relação temporal baseada exclusivamente no tempo de distribuição e na eliminação das barreiras do espaço.

Em função da necessidade de garantir audiência em suas comunidades sociais, os jovens apostaram nesses “cliques modernos” – a fotografia digital – de última hora para virtualizar os seus melhores momentos ou suas escolhas de imagens registradas de situações inéditas para o grupo de pertença. Vilches (2006, p. 162-163), amplia essa discussão quando afirma que,



Para que a foto exista, é necessário que alguém tenha estado presente ali. Isto confere à fotografia uma misteriosa eficácia e se torna uma referência implícita e obrigatória de uma dupla presença, a do objeto fotografado, que a foto garante que “isso estava ali”, e a do fotógrafo que também estava ali e que viu como eu o vejo.(...) A digitalização concede, no entanto, uma margem de manobra ao fotógrafo, que sempre pode escolher, controlar, retocar e transmitir as imagens desde o mesmo lugar do acontecimento e em tempo real, inclusive antes de acabar o evento. A realidade supera o real, e o digital permite atingir o último estágio do êxtase midiático, fabricando a imagem antes de que esta ocorra.

Isso posto, fica enfatizado o valor da digitalização da fotografia, como também a manipulação e alcance que estas têm a partir da *Internet*. É pertinente dizer ainda que, segundo Vilches (2006, p. 167):

A criação de valor marca também a televisão contemporânea. (...) Nesta nova era midiática, a publicidade está mudando rapidamente. Porque deve competir com o *zapping* entre canais, mas também contra o *zapping* entre os meios interativos (serviços *à la carte*). Por isso, a publicidade está procurando o *zapping* de atitudes, isto é, localizar os segmentos (...) mais desejados pelos anunciantes (profissionais, jovens, classe média urbana etc). Por isso, a televisão já procura a alternativa de novas fontes de financiamento. E a encontra no telefone celular, a grande alternativa para a *Internet*.

O *zapping*, que é a troca de canais rápida, feita com o movimento do controle remoto, também é muito utilizado pelos jovens em músicas, jogos *online*, em *links* de informações e, páginas da *Internet*, como reflexo do mundo atual, globalizado, imediatista, de espetáculos e notícias instantânea e de última hora. Além disso, garante Vilches (2006, p. 188) que,



A Internet está destinada não a substituir imediatamente o jornalismo tradicional, mas sim, a exercer uma concorrência que pode equilibrar o poder da informação. (...) Na rede, as notícias se misturam com os rumores, os enganos e as fantasias, e se vendem por menos de uma gazeta, porque se oferecem de forma gratuita (...). A rede permite também o jornal feito por um só redator, e inclusive, dirigido especificamente a um só leitor: propicia a personalização da informação, sua especialização ao máximo.

Face ao exposto, bombardeada por informações vinte e quatro horas por dia, a juventude de hoje tem a árdua tarefa de assimilar tudo ao mesmo tempo. Os jovens de classe média ou alta que freqüentam aula de inglês, de espanhol, de natação, de futebol ou vôlei, pilhas de lição de casa, conversa com os amigos ao celular, navegação na *Internet*, TV e os sons sempre ligados, têm cada vez mais a sensação de que a vida é curta e há milhões de coisas a fazer ao mesmo tempo. E que jovem não quer viver intensamente? Mas na ânsia de abocanhar o mundo, a juventude passa a impressão de não saber exatamente o que quer. Os especialistas a define como a geração *zapping*, ou seja, aquela que vive mudando de canal o tempo todo.

O ponto fundamental desta compreensão é a de que os jovens passam o dia inteiro com um controle remoto na mão, zapeando o mundo. Os jovens, numa grande maioria, ao chegar em casa, acessam a *Internet* no *orkut*, no *MSN* em seu jogo *online* preferido; tudo ao mesmo tempo, passando de um para outro quando quiserem. E estudam inseridos nesse caos. Eles não conseguem fazer uma coisa de cada vez, vão abrindo novas janelas sem fechar as outras, acompanhando o conteúdo de várias páginas, simultaneamente.



## **SOCIABILIDADE E RITUALIDADE NA NAVEGAÇÃO DE JOVENS NOS AMBIENTES VIRTUAIS**

As novas tecnologias criam novas necessidades. Nesse sentido, as mudanças tecnológicas supõem transformações nas práticas sociais, das quais se destacam as sociabilidades e a ritualidades. Nesse contexto, Gómez (2006, p.87-88) afirma que,

Por sociabilidade deve-se entender o conjunto de negociações que os atores sociais realizam entre referentes e os outros atores no processo comunicativo e de gestação de significados. (...) As práticas comunicativas geram hábitos e promovem regularidades que os atores sociais desenvolvem, às vezes até de maneira automatizada, na medida em que interiorizaram comportamentos e modelos ou padrões de reação diante das referências comunicativas. Às vezes, o mais difícil de modificar são precisamente esses costumes coletivos e individuais frente às referências informativas, midiáticas e não-midiáticas, que são as que sustentam o que aqui entendo como ritualidade comunicativa. (...) Processos que supõem familiaridade e tempo.

Nesse aspecto, os atores sociais realizam a prática interativa entre o processo comunicativo a gestão de significado e sentido, no qual o usuário pode se tornar dependente das novas tecnologias como o era antigamente, mesmo que esta necessidade não seja aparente e se mascare de liberdade de escolha.

Gómez (2006) aborda o conceito de ritualidade como práticas coletivas e individuais em relação às referências informativas, devido ao fato de que as mediações não



são exercidas somente pelos meios, mas pelos processos que estruturam de várias fontes e formas, e que intervém nos processos comunicativos desses atores sociais.

Pode-se perceber que hoje há um desordenamento nas mediações tradicionais. Assim, a mediação institucional da família, do estado, da escola está perdendo a importância em detrimento da mediação tecnológica, ou seja, a própria capacidade de percepção é alterada devido às possibilidades de consumo, de imagens e informação gerada pela tecnologia.

Não se pode deixar de mencionar que a instantaneidade das transmissões televisivas, ao mesmo tempo em que transformam a informação em novidade, esvazia-se de historicidade. O que aconteceu ontem, sem adquirir história, pode voltar a ser visto hoje ou amanhã, sem que volte a acontecer, mas sempre em presente, não em passado, até que volte a encontrar um novo presente midiático (virtual) no real.

Por meio de seu relacionamento com as novas tecnologias da comunicação, principalmente computadores e jogos eletrônicos, a sucessão, a alternância e a simultaneidade se incorporam ao cotidiano dos jovens. Os mais jovens (15 a 17 anos) são os que mais dedicam tempo a essa prática. Uma vez que as práticas juvenis de produção e de consumo cultural estão expressas como sociabilidade numa relação cotidiana com as novas tecnologias da comunicação, a sucessão aparece como parte da fragmentação de informações e imagens que atinge os jovens nos grandes centros urbanos.

Em consequência disso, a televisão acrescenta alternância a sucessão de fragmentos descontínuos. Publicidade e narrativas ficcionais se alternam incessantemente



na programação das emissoras em sistema aberto de radiodifusão, assim como os próprios jovens alternam diferentes canais, mídias e tipos de atividades em suas práticas diárias. Segundo Gómez (2006, p. 84),

O que penso é que todos os meios, velhos e novos, assim como as diversas tecnologias videoeletrônicas e digitais que os tornam possíveis, coexistem, conformando ou não convergências em sentido estrito, porém constituindo ecossistemas comunicativos cada vez mais complexos.

A simultaneidade liga-se diretamente ao uso habitual da *Internet*. Para os jovens que têm maior capital cultural e poder aquisitivo correspondente, o uso simultâneo de *Internet*, televisão, livros ou revistas, em articulação com telefone ou interações presenciais com outras pessoas tem se tornado cada vez mais comum.

No novo contexto social que se configura e em razão da presença cada vez maior de tecnologias na vida dos indivíduos, o recurso estratégico passa a ser a informação. Conseqüentemente, quem não tem acesso à informação estará à margem dessa nova sociedade, instituindo-se assim, uma nova modalidade de exclusão social para este século XXI, referida por muitos teóricos como “divisor digital”, ou seja, uma divisão entre aqueles indivíduos que, entre outras coisas, não possuem acesso à informação e aqueles que a têm em abundância.

É necessário sublinhar que o acesso à informação, por si só, não constitui um elemento de superação dessa nova modalidade de seletividade social. Para tanto, é preciso que as informações sejam sistematizadas, analisadas, discutidas, apropriadas e aplicadas ou



descartadas, a fim de possibilitarem a construção de conhecimento. Diante dessa realidade, uma vez sistematizadas como conhecimento, as “novas” informações passam também a serem disponibilizadas para que outros indivíduos ou grupos possam ser beneficiados formando um ciclo que deverá repetir-se indefinidamente, no qual a informação gera conhecimento. Isso faz crer que, na medida em que a sociedade adquire conhecimento, impulsiona vertiginosamente para a construção de conceitos, a partir das informações que influenciam, entre outras, as ações políticas como: a compreensão, a participação, a representação e a cidadania.

Convém, no entanto, distinguir os termos informação e comunicação. As informações são dados acerca de alguém ou de algo. Dessa forma, uma mensagem que é recebida em forma de dados, torna-se informação se o seu receptor consegue compreender o seu conteúdo, isto é, associar a esta, mentalmente, um significado. Assim, enquanto o primeiro termo envolve o conteúdo a transmitir, o segundo – comunicação – implica numa reciprocidade que não pode ser interrompida porque envolve os sujeitos que se interessam, os quais têm a co-intenção em relação ao objeto de seu poder – a informação.

Segundo Bordenave (2006, p. 30), “a ciência e a tecnologia da comunicação produzem constantemente inovações cada vez mais sofisticadas. A vinculação dos meios de comunicação com os de processamento de dados gerou uma nova ciência: a informática”.

É pertinente destacar que nas últimas duas décadas, devido ao desenvolvimento tecnológico, e o uso da informática que acarretou inúmeras transformações na sociedade



contemporânea, a necessidade de acesso às informações tem sido cada vez maior, fato que interferiu vertiginosamente na circulação de informações, na comunicação e relações entre as pessoas; assim também, na resolução de situações pertinentes à economia, política, saúde e educação, como por exemplo: as discagens telefônicas entre continentes, as retiradas de dinheiro fora do horário bancário, os pagamentos eletrônicos, os sofisticados exames clínicos, o avanço das pesquisas científicas e acadêmicas. Tudo isso numa corrida veloz para atender às exigências de informações do mundo atual.

Isso influenciou a todos, mesmo aqueles que não tem acesso, porque a velocidade e as tecnologias são quem ditam, sobretudo, o ritmo dos processos de comunicação. É a massificação das informações no meio social, permitida pelas novas tecnologias, que conduz ao processamento cada vez mais veloz das informações para a sociedade. Para que tal realidade seja possível, há uma socialização eletrônica de produtos, de informações e de serviços. Segundo Mattelart (2006, p. 234-235),

Faz já muito tempo que toda uma tradição de pensamento crítico desvelou os pressupostos ideológicos do conceito de “informação”, tal como é usado para designar a nova sociedade que se supõe suceder à sociedade industrial, e assinalou os efeitos de sentido não controlados que nutrem a confusão entre este conceito e o conhecimento ou saber. A informação é assunto de engenheiros. Seu problema consiste em encontrar a codificação mais eficaz (em velocidade e custo) para transmitir uma mensagem telegráfica de um emissor a um destinatário (...) O fechamento na visão tecnicista das mudanças tecnológicas dificulta o entendimento dos avanços culturais inerentes ao caráter estruturante da informação, entendida como novo “recurso intelectual”, novo “capital cognitivo”, após ser introduzida em todos os setores da vida.





Nessa perspectiva, para que a informação e comunicação aconteçam, há uma necessidade de buscar ou criar estruturas de utilização das tecnologias de informação e das redes de computadores que derivam mais dos direcionamentos da sociedade do que da evolução da própria tecnologia.

Nesse aspecto, as transformações em curso na sociedade estão nos levando a uma nova estrutura social: a sociedade da comunicação mediada pelas novas aparelhagens de informação.

Castells (2005) refere-se à “Sociedade em Rede”, caracterizada pela globalização das atividades econômicas, pela flexibilidade e instabilidade do emprego, pela cultura da virtualidade do real, construída a partir da mídia e pela transformação dos conceitos de espaço e tempo. De acordo com o referido autor, a “Sociedade em Rede” advém não apenas da renovação das tecnologias da informação, mas também da reestruturação do capitalismo. Segundo Castells (2005, p. 53),

No novo modo informacional de desenvolvimento, a fonte de produtividade acha-se na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento de informação e de comunicação de símbolos. Na verdade, conhecimento e informação são elementos cruciais em todos os modos de desenvolvimento, visto que o processo produtivo sempre se baseia em algum grau de conhecimento e no processamento da informação.

Dessa forma, não é a sociedade informacional, portanto, que gera uma deterioração das condições de trabalho e de vida para os trabalhadores, e sim o resultado de uma reestruturação das relações de capital e trabalho, que por sua vez, é facilitada pelas



tecnologias da informação e pela nova forma organizacional, ou seja, as organizações em rede.

Levy (2000) concorda com Castells (2005) quanto à inadequação da metáfora do impacto das tecnologias. O autor sugere que a sociedade enfatize as tecnologias como produto de uma sociedade e de uma cultura, em vez de pensar no impacto delas na sociedade. Não se deve perceber a tecnologia como a causa e a cultura como aquela que sofre seus efeitos. Pelo contrário, Levy (2000) acredita que os indivíduos juntos inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas a tecnologia.

Nesse aspecto, segundo Castells (2005, p. 57), “as novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais”. Durante esse processo de desenvolvimento, foram construindo novas tecnologias de Informação e Comunicação, denominadas como NTIC. Para uma melhor compreensão sobre o termo, foi consultado o verbete de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação<sup>2</sup>:

Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) as tecnologias e métodos para comunicar surgidas no contexto da Revolução Informacional, "Revolução Telemática" ou Terceira Revolução Industrial, desenvolvidas gradativamente desde a segunda metade da década de 1970 e, principalmente, nos anos 1990. A imensa maioria delas se caracteriza por agilizar, horizontalizar

---

<sup>2</sup> O verbete Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, está disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Novas\\_tecnologias\\_de\\_informa%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_comunica%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Novas_tecnologias_de_informa%C3%A7%C3%A3o_e_comunica%C3%A7%C3%A3o)> . Acesso em: 24 mai. 2008.



e tornar menos palpável (fisicamente manipulável) o conteúdo da comunicação, por meio da digitalização e da comunicação em redes (mediada ou não por computadores) para a captação, transmissão e distribuição das informações (texto, imagem estática, vídeo e som).

E essa relação da condição do saber, ou ter acesso à informação, implica na relação de construção de conhecimento no ambiente escolar e cria uma grande expectativa a tal ponto que Winkin (1998, p. 201) afirma que,

Quando as NTIC são pensadas de maneira linear, segundo o esquema da comunicação derivado de Shannon e Weaver (1949), elas efetivamente se desenvolvem num universo “estritamente dicotômico”: é a informação ou a morte. Fora da informação não há salvação. Essa alternativa é particularmente aguda no mundo das NTIC pedagógicas, em razão de uma equação entre informação e saber: ter acesso (muito rapidamente) à informação é (já) saber.

Além dessa caracterização, a Tecnologia Educacional teve origem na produção, na experiência e no poder, vinculados à sociedade na era da informação e que passaram a fazer parte da sua bagagem instrumental para o ensino e para a aprendizagem. Nesse contexto, a sociedade, de modo geral, está constantemente se beneficiando dos progressos da tecnologia, sem muitas vezes, ter consciência disso.

Nesse aspecto, ler um jornal, uma revista ou um livro, assistir à programação de televisão, utilizar o telefone, tomar um refrigerante, pagar uma conta no banco, fazer compras no supermercado, viajar de ônibus, trem ou avião são usos da tecnologia que fazem parte do cotidiano; ou seja, a sociedade usufrui tecnologia, na medida em que a realização dessas atividades pressupõe a presença de recursos tecnológicos em algum



estágio do processo: na produção do mercado editorial, na produção da mídia audiovisual, no sistema de telecomunicações, nas transações comerciais ou na produção de produtos de consumo.

Em consequência disso, a utilização de produtos do mercado da Informação como, por exemplo: revistas, jornais, livros, programas de rádio e televisão, *home-pages*, *sites*, correio eletrônico, além de possibilitar novas formas de comunicação, ainda gera novas formas de produzir o conhecimento. Nesse aspecto, Castells (2005, p. 52) defende que,

A comunicação simbólica entre os seres humanos e o relacionamento entre esses e a natureza, com base na produção (e seu complemento, o consumo), experiência e poder, cristalizam-se ao longo da história em territórios específicos, e assim geram culturas e identidades coletivas (...) A produção é um processo social complexo, porque cada um de seus elementos é diferenciado internamente (...) A relação entre a mão-de-obra e a matéria no processo de trabalho envolve o uso de meios de produção para agir sobre a matéria com base em energia, conhecimento e informação. A tecnologia é a forma específica dessa relação.

Todavia, o fato de as informações estarem disponíveis, ao mesmo tempo, em praticamente todos os lugares do mundo, por intermédio dos meios eletrônicos de comunicação, não significa necessariamente que esteja ocorrendo um processo de democratização do acesso às informações, e muito menos que os cidadãos contemporâneos tenham conhecimento crítico do mundo em que vivem.



Ao mesmo tempo em que a tecnologia contribui para aproximar as diferentes culturas, aumentando as possibilidades de comunicação, esta também gera a centralização na produção do conhecimento e do capital, pois o acesso ao mundo da tecnologia e informação ainda é restrito a uma parcela da população no mundo. Nesse contexto, ainda há uma grande distância entre os indivíduos que a dominam, os que são apenas consumidores e os que não têm condições nem de consumir, pois não têm acesso às novas Tecnologias da Informação e Comunicação.

Entretanto, ter informação não significa ter conhecimento. Se, por um lado o conhecimento depende de informação, por outro, a informação por si só não produz novas formas de representação e compreensão da realidade. A forma como cada indivíduo participa dos processos comunicativos varia em função da relação que estabelece entre as novas informações e as suas estruturas de conhecimento; da capacidade de analisar e relacionar informações; e de uma atitude crítica frente à fonte de informações.

Além disso, multiplicaram-se os instrumentos de comunicação e é enorme a quantidade de informação disponível. No entanto, o fato de uma enorme quantidade de informação não garante a qualidade desta. Em torno das sofisticadas tecnologias circula todo tipo de informação, atendendo a finalidades, interesses, funções bastante diferenciadas.

O domínio da tecnologia só faz sentido quando se torna parte do contexto das relações entre homem e sociedade. Assim, ela representa formas de manutenção e de



transformação das relações sociais, políticas e econômicas, acentuando a barreira entre os que podem e os que não podem ter acesso a ela.

De forma geral, o mercado de trabalho vem sofrendo alterações significativas, em relação à forma de desenvolver muito dos trabalhos tradicionais, com a utilização, por exemplo, de planilhas de cálculo, processadores de texto, fax que realizam as tarefas de forma mais rápida e eficiente. Também surgiram novas funções: técnicos de informática, programadores, digitadores, operadores de terminais e máquinas; e desapareceram outras substituídas pelas máquinas: caixa automático e telefones que executam inúmeras tarefas, entre outras.

Essas demandas atuais exigem que a escola ofereça aos alunos tanto uma sólida formação cultural e competência técnica, na perspectiva de favorecer o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes que permitam a adaptação e a permanência no mercado de trabalho, quanto que possam exercer sua cidadania ajudando na construção de uma sociedade mais justa, fazendo surgir uma nova consciência individual e coletiva, que tenha como pilares, na sua formação de cidadãos críticos e reflexivos: a cooperação, a solidariedade, a tolerância e a igualdade. Segundo Freire, (2002, p. 66),

Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos lingüísticos. O mundo humano é, desta forma, um mundo de comunicação (...) só se comunica o inteligível na medida em que este é comunicável. Esta é a comunicação pela qual, enquanto a significação não for compreensível para um dos sujeitos, não é possível a compreensão do significado à qual um deles já chegou e que, não obstante, não foi apreendida pelo outro na expressão do primeiro.



Pode suceder, no entanto, que o conteúdo da informação seja utilizado com o sentido de uma “ação extensiva” do conhecimento, em que o sujeito leva o outro (que deixa, por isso mesmo, de ser sujeito).

Em contrapartida, algumas tecnologias informacionais, como livros, jornais e revistas, já fazem parte da escola há muito tempo. Mas, para a grande maioria das escolas brasileiras, os meios eletrônicos de comunicação e informação ainda constituem-se como “novidades”, embora socialmente sejam instrumentos bastante conhecidos e utilizados.

Mesmo existindo experiências significativas no desenvolvimento de projetos com tecnologia educacional em vários estados brasileiros, a potencialidade desses recursos ainda não é reconhecida pela comunidade nacional de educadores. São muitos os fatores que contribuem para isso, entre os quais destacam-se: pouco conhecimento e domínio por parte dos professores para utilizar os recursos tecnológicos na criação de ambientes de aprendizagem significativa; insuficiência de recursos financeiros para manutenção, atualização de equipamentos e para capacitação dos professores, e até a ausência de equipamentos em muitas escolas; e a falta de condições para utilização dos equipamentos disponíveis devido à precariedade das instalações em outras.

Essa é uma realidade que precisa mudar em curto espaço de tempo, em virtude da necessidade da escola acompanhar os processos de transformação da sociedade, atendendo às novas demandas da contemporaneidade. É premente que se instaure o debate, a implantação de políticas e estratégias para o desenvolvimento e disseminação de propostas



de trabalho inovadoras utilizando os meios eletrônicos de informação e comunicação, já que eles possuem um enorme potencial educativo para complementar e aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem. Para isso, faz-se necessário refletir sobre uma mudança na postura do educador, enquanto “transmissão” de conhecimentos e ou motivador de reflexão sobre o conhecimento. Freire (2002, p. 22) considera que,

O termo extensão se encontre em relação significativa com transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanismo, invasão cultural, manipulação etc. E todos esses termos envolvem ações que, transformando o homem em quase “coisa”, o negam como um ser de transformação do mundo (...) Além de negar a ação e reflexão verdadeiras àqueles que são objetos de tais ações.

Nesse sentido, a tendência do extensionismo é cair facilmente no uso de técnicas de propaganda, de persuasão, no vasto setor que se vem chamando de “meios de comunicação de massa”. Freire (2002, p. 65) é ainda mais incisivo, quando exclui a possibilidade da existência da comunicação – e do conhecimento – quando o modelo da comunicação é transmissivo, porque “sem a relação de comunicação entre sujeitos cognoscentes em torno do objeto cognoscível, desapareceria o ato cognoscitivo”. Neste aspecto, é por meio da intersubjetividade que se estabelece a comunicação entre os sujeitos a propósito do objeto.

Em conseqüência disso, para Freire (1989, p.107) “só o diálogo comunica”. E ainda chama-nos a atenção, quando afirma que,





Dialogar não significa invadir, manipular, ou “fazer slogans”. Trata-se, isto sim, de um devotamento permanente à causa da transformação da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para o outro” por homens que são falsos “seres para si”. É que o diálogo não pode travar-se numa relação antagônica. O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos (FREIRE, 2002, p. 43).

Dada a relevância do que aborda Freire, sobre o diálogo como encontro amoroso que humaniza a todos os envolvidos, é preciso acentuar que o uso do computador possibilita a interação e a produção de conhecimento no espaço e no tempo: pessoas em lugares diferentes e distantes podem se comunicar com os recursos da telemática. A incorporação de computadores no ensino não deve ser apenas a informatização dos processos de ensino já existentes, pois não se trata de aula com “efeitos especiais”. O computador permite criar ambientes de aprendizagem que fazem surgir novas formas de pensar e aprender, favorecendo a interação com uma grande quantidade de informações, que se apresentam de maneira atrativa, por suas diferentes notações simbólicas (gráficas, lingüísticas e sonoras).

Além disso, a música, acima de tudo, revela visões de mundo e, como diria Canclini (1999, p. 51), “serve para pensar”. Os jovens, que têm acesso, utilizam a rede mundial de computadores, quase diariamente, para enviar ou receber mensagens instantâneas, e-mails e freqüentar salas de bate-papo; realizam atividades como pesquisas em geral e busca de músicas e *clips* musicais. Para esses jovens, a *Internet* é espaço de



convívio social e fonte de informações. Ela absorve a atenção: evita-se atender ao telefone e assistir TV quando se está no computador; perde-se a noção do tempo navegando pela *Internet* por meio da cultura imagética, musical e imediata. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – Introdução:

A diversão, a roupa e o consumo compõem um universo interligado. O consumo de certos bens permite, por um lado, uma identificação com uma imagem genérica de juventude, valorizada socialmente; por outro, e da mesma forma que o gosto musical, também cumpre um importante papel na constituição de distintas identidades no interior do próprio universo juvenil. (BRASIL, 1998, p.119).

Resta analisar a influência dos jogos eletrônicos na vida dos adolescentes, que também embalam essa nova sensibilidade juvenil de caráter marcadamente audiovisual. É em casa (de amigos ou própria) que a maioria dos jovens joga RPG – *Role Playing Game*, jogo de interpretação de papéis, para computadores e *vídeo games*. O gosto por esse tipo de jogo eletrônico vem da possibilidade de se viver no limiar entre o real e o virtual, impulsionados pela imaginação, que procura algo diferente e até mesmo irreal, mas que diverte. Além disso, a imersão no ambiente virtual permite a adoção de diferentes “personalidades”, uma nova roupagem para as mudanças de identidades proporcionadas pelas facilidades do consumo de diversas culturas juvenis disponíveis no ambiente midiático.

### 3 CONSIDERAIS FINAIS



O presente texto “Cliques Modernos: reflexos do mundo virtual” pode ser concebido, não como uma busca de respostas definitivas, mas como um processo de refletir sobre a forma de aprender do/com adolescentes sobre suas experiências juvenis, tendo foco na cultura contemporânea da maioria dos jovens de classe média, que fazem a interação e troca de informações para as diferentes possibilidades de entretenimento e também para a construção de conhecimentos, por meio de redes de interesse construídas em ambientes midiáticos. Além disso, articula cultura aos hábitos que se constituem numa interação entre múltiplas referências e possibilidades de sentidos (Canclini, 1999). Se por um lado, a lógica mercadológica alimenta o consumo e se apresenta como uma atividade individual, a diversidade de possibilidades apreciadas pelos sujeitos, os jovens, torna-se possível através do estabelecimento de relações com outros grupos de socialização, em que a formação da cidadania pode ser favorecida a partir da criticidade de escolhas e autonomia, numa interação em ambientes midiáticos (Freire, 2002; Castells, 2006).

Neste aspecto, cabe ao educador voltar o seu olhar para a cultura contemporânea dos jovens, da ritualidade e da sociabilidade no “mundo virtual”, na perspectiva de atribuir em seus planejamentos, formas peculiares de favorecer a formação de sentidos e significar as experiências dos educandos, a partir de atividades desafiadoras, com utilizações dos diversos recursos dos ambientes virtuais, que não são valorizadas nos ambientes escolares, bem como ser ele próprio um educador, que tenha disponibilidade de ser colaborador virtual.



## REFERÊNCIAS

BORDENAVE, Juan Enrique Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos; 67).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998. (Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental).

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução: Roseneide Venâncio Majer. 8. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2005. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).

FEIXA, Carles. O quarto dos adolescentes na era digital. In: COSTA, Márcia Regina da; SILVA, Elizabeth Murilho da. (Orgs.). **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: Educ, 2006. p. 79-110.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução: Rosisca Darcy de Oliveira. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GÓMEZ, Guilherme Orozco. Comunicação Social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis de. (Org.). **Sociedade Midiatizada**.



Tradução: Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes e Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Maud, 2006. p.81-98.

MATTELART, Armand. Para que “nova ordem mundial da informação. In: MORAES, Dênis de. (Org.). **Sociedade Mdiatizada**. Tradução: Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes e Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Maud, 2006. p. 81-98.

VILCHES, Lorenzo. Migrações midiáticas e criação de valor. In: MORAES, Dênis de. (Org.). **Sociedade Mdiatizada**. Tradução: Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes e Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Maud, 2006. p.157-189.

WIKIPÉDIA, a **Enciclopédia Livre**. Disponível em: <<http://www.wikipedia.org/>>.

**Acesso em: 24 mai. 2008.**

WINKIN. Yves. **A nova comunicação**: Da teoria ao trabalho de campo. Tradução: Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1998.



**15 anos!**